

HELANIA OLIVEIRA MADUREIRA

**A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS
VIRTUAIS: O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Estácio
de Sá, como exigência para obtenção
do título de Mestre em Educação**

**Profa. Orientadora
Dra. Lucia Regina Goulart Vilarinho**

**Rio de Janeiro
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MESTRADO

HELANIA OLIVEIRA MADUREIRA

**A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO
PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS VIRTUAIS:
O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO**

2009



UNIVERSIDADE
Estácio de Sá

*Mestrado em Educação – Campus Centro I
Avenida Presidente Vargas 642, 22º andar – Centro
20071-001 Rio de Janeiro – RJ
Telefones: (21) 2206-9740 / 2206-9858*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M183

Madureira, Helania Oliveira

A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais: o moderno profissional da informação. / Helania Oliveira Madureira. - Rio de Janeiro, 2009.

100 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, 2009.

1. Biblioteconomia – Estudo e Ensino. 2. Bibliotecas virtuais. I. Título.

CDD: 020.711

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que estão mais próximas de mim, por entenderem meu esforço neste período a começar pelos meus queridos colegas Ademar e Laura, ao incentivador Marcelo Genestra (em memória), a ajuda do Baesso, da minha mãe adotiva Maria Lúcia que me socorreu na parte financeira. Não posso deixar de dedicar à minha filha Carolina que no alto dos seus 10 anos teve maturidade suficiente e paciência para entender as minhas ausências e a falta de tempo, e a uma pessoa especial na minha vida: a querida mestre e amiga Lúcia Vilarinho, sem ela eu não estaria fazendo este mestrado, por ela fui socorrida nas dificuldades acadêmicas e de caráter pessoal. Dedico também a todos os meus professores, citando os que participaram da minha caminhada mais efetivamente: Prof^ª. Alda Judith Alves Mazzotti; Prof^ª. Mônica de Castro Rabelo; Prof^ª. Sonia Regina Mendes; e o Prof^º. Marco Silva.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é meu pai, meu amigo, meu tudo. Sinto a presença Dele na minha vida de uma forma singular. Sem Ele nada seria possível, ele me dá sabedoria para conduzir a minha vida.

A minha orientadora Lúcia Vilarinho, que a toda hora solicitada, esteve sempre pronta para me ajudar no desenvolvimento deste trabalho, conduzindo-o de maneira especial para que obtivéssemos resultados.

A todos os colegas bibliotecários que contribuíram com suas respostas aos questionários, pois eles são os artistas principais deste trabalho.

A vida que é bonita e digna de ser vivida. Apesar de todas as dificuldades é uma alegria sabermos que somos eternos aprendizes.

RESUMO

Uma sociedade permeada por processos informatizados coloca novas exigências às bibliotecas, enquanto centros de informação e pesquisa, e aos seus bibliotecários, entendidos como coletores, organizadores e socializadores de informações específicas. No bojo dessas exigências destaca-se o desenvolvimento de Bibliotecas Virtuais (BV), instituições localizadas no ciberespaço e que têm como principal preocupação a democratização do acesso à informação confiável. Nessas bibliotecas se tornam indispensáveis bibliotecários que apresentem o perfil de Moderno Profissional da Informação (MIP), um especialista na busca seletiva da informação, capaz de enfrentar o desafio da avassaladora disseminação de dados com apoio das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Esta pesquisa focaliza este profissional a partir de três questões: (a) como os cursos de formação de bibliotecários vêm preparando esse profissional para trabalhar em bibliotecas virtuais; (b) que dificuldades ele encontra em seu trabalho; (c) que caminhos utilizam para manter sua formação atualizada. Tais indagações direcionaram o estudo para uma abordagem qualitativa, sendo a coleta de dados realizada por meio de questionários compostos de perguntas abertas apresentadas a bibliotecários que atuavam em BV (17 sujeitos) e a recém formados em Biblioteconomia (seis respondentes), totalizando 23 participantes. As respostas obtidas foram depuradas segundo orientações da técnica de análise de conteúdo, de modo que fossem retirados os pontos mais recorrentes das falas desses sujeitos, relativos às seguintes categorias de análise: formação do bibliotecário em nível de graduação; dificuldades no trabalho realizado em BV; formação continuada desse profissional. As conclusões do trabalho foram estabelecidas a partir do confronto dos resultados com a abordagem teórica elaborada especificamente para o presente estudo, a qual incidiu sobre os seguintes eixos: (a) a biblioteca e sua trajetória; e (b) o moderno profissional da informação, este último desdobrado em: formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais e educação continuada do bibliotecário. Dentre as conclusões destacam-se: (a) a formação do bibliotecário está longe de privilegiar o perfil do MIP, especialmente por não possibilitar o amplo domínio das tecnologias digitais, que, hoje, dão suporte à gestão em rede da informação, e pela dificuldade de levar os alunos a praticarem aquilo que aprenderam de forma fragmentada e transversal na teoria. Os estágios são limitados e realizados em bibliotecas tradicionais. Nenhum dos sujeitos recém-formados conseguiu realizar estágio em BV; (b) os sujeitos encontram-se preocupados com processos de organização de suas bases de dados, que passam a ser *online*. Há indícios de que ainda se prendem à função básica da biblioteca tradicional, que é manter a memória coletiva da sociedade, desconsiderando que na era da internet a memória se torna volátil, transformando-se constantemente. Assim, a principal dificuldade refere-se à reprodução de práticas usadas na biblioteca tradicional; e (c) a formação continuada é decisão da responsabilidade dos bibliotecários; as instituições estimulam desde que seu investimento não ultrapasse a liberação de carga horária para participação em curso ou evento.

Palavras-chave: Bibliotecas virtuais. Formação do Bibliotecário. Moderno Profissional da informação.

ABSTRACT

A society surrounded by computerized procedures puts new demands on libraries as information centers and research, and their librarians, defined as collectors, organizers and socializing specific information. Amid these requirements highlight the development of Virtual Libraries (VL), institutions located in cyberspace and whose main concern is the democratization of access to reliable information. In these libraries become indispensable librarians who have the profile of Modern Information Professional (MIP), an expert in selective search of information, able to face the overwhelming challenge of disseminating data to support the information and communication technology (ICT). This research focuses on this professional from three issues: (a) how the training courses for librarians have been preparing these professionals to work in digital libraries, (b) what difficulties do they find in this kind of work, (c) what ways do they use to maintain their training updated. These questions have directed the study for a qualitative approach, and the data were collected using a questionnaire composed of open-ended questions presented to librarians who worked in VL (17 subjects) and new graduates in Library (six respondents), totaling 23 participants. The answers were purified according to guidelines of the technique of content analysis, so that they identify the most frequent statements used by these people, in the following categories of analysis: the librarian education at the graduating level, difficulties in work in VL; continuing education of this professional. The findings of this study were established from the comparison of results with the theoretical approach developed specifically for this study, which covered the following areas: (a) the library and its history, and (b) the modern information professional, the latter broken down into: training of librarians to work in virtual libraries and continuing education of librarians. Among the conclusions the highlighted ones are: (a) the training of librarians is far from favoring the profile of MIP, especially not to make a broad field of digital technology, which today supports the network management information, and the difficulty lead students to practice what they have learned in a fragmented way and cross theory. Internships are limited and conducted in traditional libraries. None of the new graduates has achieved stage in VL (b) they are concerned with processes of organizing their databases that are now online. There is evidence that still hold to the basic function of traditional library, which is to keep the collective memory of society, regardless of what the Internet was the memory becomes volatile, constantly mutating. Thus, the main difficulty concerns the reproduction of practices used in traditional library, and (c) continuing education decision is the responsibility of librarians; the institutions encourage since their investment does not exceed the release of load for participation in courses or event.

Keywords: Virtual libraries. Librarian Training. Modern Information professionals

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução da Biblioteca.....	22
Figura 2 - Pontos básicos na formação do MIP.....	34
Figura 3 - Mapa conceitual sobre <i>information literacy</i>	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de bibliotecas virtuais por região.....26

Gráfico 2 - Bibliotecas virtuais classificadas por categoria.....26

SUMÁRIO

1. A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS VIRTUAIS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: UMA QUESTÃO A INVESTIGAR.....	11
1.1 INTRODUÇÃO.....	11
1.2 QUESTÕES DE ESTUDO E PROPOSTA METODOLÓGICA.....	16
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	18
2.1 DA BIBLIOTECA TRADICIONAL À VIRTUAL.....	18
2.2 BIBLIOTECAS VIRTUAIS: CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E SERVIÇOS.....	22
3. O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO.....	27
3.1 A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS VIRTUAIS: O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO.....	27
3.2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E FLUÊNCIA DIGITAL.....	35
3.3 EDUCAÇÃO CONTINUADA DO BIBLIOTECÁRIO: A QUEM CABE ESTA TAREFA?.....	39
4. O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO OLHAR DE BIBLIOTECÁRIOS.....	43
4.1 AS RESPOSTAS DOS PROFISSIONAIS COM MAIS EXPERIÊNCIA.....	43
4.2 AS RESPOSTAS DOS PROFISSIONAIS RECÉM FORMADOS EM BIBLIOTECONOMIA.....	65
5. A PRECARIIDADE DA FORMAÇÃO DO MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DO ENSINO DE GRADUAÇÃO: UMA CONCLUSÃO A APROFUNDAR.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

1. A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS VIRTUAIS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: UMA QUESTÃO A INVESTIGAR

1.1 INTRODUÇÃO

As Bibliotecas possuem longa e complexa história de mudanças tecnológicas. De acordo com Martins (2002), elas vêm modificando os suportes utilizados em seus acervos desde a descoberta da escrita pelo homem. Assim, as primeiras bibliotecas foram constituídas por tabletes de argila, vendo seus escritos em cuneiforme ou hieroglífos¹, com o apoio de minerais. Depois surgiram os materiais derivados de vegetais (papiros) e couro animal (pergaminhos), que ajudaram a formar as conhecidas bibliotecas dos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses. Com o advento do papel, descoberto pelos chineses no primeiro século da era cristã e divulgado na Europa pelos árabes 1500 anos depois, surgiram às primeiras bibliotecas de papel e, mais tarde, as bibliotecas dos livros propriamente ditos².

Durante o século XVIII e parte do século XIX os cadernos de notas e os catálogos de obras foram os principais suportes da memória nas bibliotecas; no início do século XX, a documentação em fichas tornou-se a maneira básica de organizar o acervo. Mesmo sendo uma forma rudimentar de organização, não há como deixar de admitir que se tratasse de um "verdadeiro córtex cerebral exteriorizado" (Martins, 2002, p.2), tendo em vista a possibilidade de múltiplos arranjos que surgiam para um pesquisador.

Já no século XIX, o volume da memória coletiva não cabia mais na memória individual, que passou a estar representada nas fichas das bibliotecas, dos arquivos e museus.

Ao longo do século XX as bibliotecas começam a sentir mais intensamente o impacto das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Muitas delas

¹ Cuneiforme refere-se à escrita dos povos antigos que habitavam a Mesopotâmia; os historiadores admitem que foi criada pelos Sumérios, aproximadamente 3.000 anos AC <<http://www.wsu.edu/dee/GLOSARY/CUENI.HTM>> . Os hieroglífos constituem uma escrita de difícil interpretação, usada pelos antigos egípcios, por mais de 3.500 anos (entre 3.000 AC até 394 DC) .

² Maiores detalhes sobre a história da escrita e dos livros podem ser encontrados em http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_livro_1htm

passaram a ter acervos cinematográficos e imagens audiovisuais (vídeos); estas, de produção mais rápida, podendo ser vistas com o simples apoio de aparelhos de TV. A possibilidade de juntar recursos dessa natureza foi permitindo a estruturação de espaços que assumiram os mesmos princípios básicos da biblioteca; surgem, então, as cinematecas³ e videotecas⁴.

No final do século XX este impacto se torna contundente, sendo implicação de outra revolução técnico-industrial, que neste caso não se projetou para a ampliação quanti-qualitativa da força do homem, mas sim para as capacidades intelectuais e liberação do trabalho humano (SCHAFF, 1992). Segundo este autor, a segunda revolução técnico-industrial compreende três aspectos inter-relacionados: (a) revolução microeletrônica; (b) revolução microbiológica; e (c) revolução energética, esta caracterizada principalmente pelo domínio da fusão nuclear. No bojo desse processo revolucionário, que faz surgir a “sociedade informática”, está a ciência que assume paulatinamente “o papel de força produtiva” (Idem, p. 43).

Segundo Dyson (1994, *apud* LEVACOV, 1997, p 1)

da mesma forma que a Revolução Industrial não eliminou a agricultura, mas a marginalizou de forma crescente como fonte de renda, trabalho e poder, a Revolução da Informação faz migrar o capital para a própria informação, sua distribuição e recuperação. A sociedade e a economia tornam-se, cada vez mais, *information-based*. O declínio acentuado dos custos de hardware e software e o crescimento extraordinário do acesso comercial auxiliam e aceleram esta transição. Ao subverter a economia de produção em massa, as novas tecnologias da informação diminuem os custos da diversidade, tanto em produtos quanto pessoal, desmassificando nossas instituições e nossa cultura, bem como criando um novo potencial para a liberdade humana, uma vez que eliminam a necessidade do paradigma institucional central da vida moderna: a burocratização.

A expansão da Sociedade Informática tem revolucionado as relações sociais, de tal modo que a clássica divisão da sociedade em classes, que distingue os possuidores dos não possuidores dos meios de produção, incorpora uma outra questão: os que possuem acesso à informação e os que dele estão excluídos. E esta problemática é um dos grandes entraves à construção das

³ Um bom exemplo de cinemateca está no Museu de arte Moderna do Rio de Janeiro, funcionando há mais de 50 anos. A história desta instituição e sua programação podem ser vistas em <www.manrio.org.br>.

⁴ Reconhecida pelas suas pesquisas na área da saúde, a Fundação Oswaldo Cruz, localizada no município do Rio de Janeiro, possui uma videoteca que tem por finalidade não apenas produzir vídeos como, também, reproduzi-los e oferecer à comunidade científica. O trabalho educacional desta instituição nesta área pode ser visualizado em: <<http://www.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=65>>

sociedades democráticas. A privação do conhecimento e a capacidade do homem pensar apoiando-se em modelos que simplificam, reduzem e distorcem a realidade (MORIN, 2001) é um dos elementos mais fortes para a produção da cegueira política e intelectual.

Uma sociedade permeada por processos informatizados, pela inteligência artificial e coletiva (LÉVY, 2004), coloca novas exigências às bibliotecas e àqueles que se dedicam a conservar e divulgar seu acervo. As mudanças em curso interessam às bibliotecas, enquanto centros de informação e pesquisa, e seus bibliotecários, situados como organizadores, coletores e socializadores de informações específicas.

Tarapanoff (2000) afirma que o bibliotecário tem tradicionalmente exercido um papel de apoio às atividades de planejar, criar e administrar a informação e o conhecimento. Julga, no entanto, que é chegada hora deste personagem ser agregador de valor e consumidor da própria informação e que existem dois pontos cruciais para se atender a este requisito: a inovação (saber aceitar a mudança, querer mudar, não ter medo de correr risco, avaliar a mudança com pesquisa); e a educação continuada assim, a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990, com a nova ordem social voltada para a globalização de mercados e a quebra de paradigmas, surge um novo conceito para este profissional, situando-o como : “profissional da informação”. Como se define este Moderno Profissional da Informação (MPI)?

Se antes a atividade do bibliotecário podia ficar restrita aos limites físicos de uma biblioteca e a uma coleção, agora o uso difundido da tecnologia a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais. Antes o usuário do acervo era percebido em uma perspectiva passiva; hoje as atenções se voltam para o interativo cliente; a escassez de recursos obriga a integração e o compartilhamento e, por outro lado, a competição industrial, bem como o avanço tecnológico, acena para a informação estratégica.

Sintetizando esta tendência, Mueller (1985) e Guimarães (1994) caracterizam o Profissional da Informação como aquele que é capaz de fornecer a informação certa, da fonte certa, ao cliente certo, no momento certo, da forma certa e a um custo que justifique seu uso.

Nesse contexto de efervescência, de multiplicidade de caminhos e de opções, a Federação Internacional de Informação e Documentação (FID) criou, em 1992, o *Special Interest Group / Modern Information Professional* (SIG/MIP).

Desde, então, a literatura mundial tem apontado para os novos mercados e, conseqüentemente, para as posturas atinentes ao profissional da informação. Ponjuan (1993, p.22) chega, inclusive, a discorrer sobre as qualidades que garantem o M ao MIP (*Modern Information Professional*):

[...] eu, particularmente, penso que há profissionais da informação com e sem o M. Um moderno profissional da informação perde o M quando ele ou ela - perde a capacidade de se adaptar a um meio em mudança. Flexibilidade, inovação, imaginação e criatividade são alguns dos ingredientes vitais.

No Brasil, as discussões sobre o MIP também têm se feito presentes, tendo o tema "O ensino de Biblioteconomia em face do moderno profissional da informação", direcionado o IV Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, realizado em agosto de 1995, na cidade de São Paulo.

O MIP é hoje uma realidade do novo contexto sócio-econômico mundial. Se antes o profissional, empunhando um diploma universitário, ocupava seu lugar na sociedade a partir das prerrogativas legais que lhe eram dadas, pautando-se em paradigmas que havia recebido em sua formação, hoje é a vez do profissional aberto, atento e flexível às mudanças, que evidencia competência para enfrentá-las, quando necessário. A multiplicidade de suportes e a variedade de usos passaram a exigir um profissional com mais conhecimentos e, por conseguinte, habilidades, que põem em questão os rigorosos limites profissionais restritos à graduação.

Para Mason (1990) é chegada a hora de as instituições, ligadas à formação de profissionais na área de informação, preocuparem-se com o verdadeiro MIP, considerando as especificidades de cada suporte e as realidades nas quais estes profissionais vão atuar.

Diante desse contexto, cabe indagar: o ensino de Biblioteconomia, no Brasil, forma MIP? Os egressos do curso de biblioteconomia estão aptos a atuarem em Bibliotecas virtuais (BV)? como se caracterizam as BV? Que atividades básicas o MIP realiza em uma BV?

Tendo essas indagações como 'pano de fundo' pensamos que seria válido focalizar as BV que se localizam em Instituições de Ensino Superior (IES), espaços educacionais que já recebem muitos estudantes com vivência de mídias eletrônicas, computadores pessoais, videogames e outros recursos da era digital, e onde, também, se verifica uma expansão da Educação a Distância (EAD).

Assim, nos propomos a investigar como os bibliotecários estão se atualizando e sendo formados para enfrentar as mudanças em curso.

Para não correremos o risco de realizar uma pesquisa cuja problemática já tenha sido investigada, levantamos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁵, tanto na área da educação como na de biblioteconomia, os trabalhos que foram desenvolvidos nos últimos sete anos (a partir de 2000)⁶, selecionando aqueles que tratam da relação biblioteca virtual – educação, para darmos um maior embasamento do nosso estudo

O levantamento conduzido por palavras-chaves encontrou 350 pesquisas distribuídas pelos seguintes temas: (a) biblioteca e educação – 270 teses/dissertações; (b) formação do bibliotecário – 60 trabalhos; (c) biblioteca virtual e educação – 16 estudos; (d) biblioteca virtual e formação do bibliotecário – 4 pesquisas. Verificamos, então, a existência de sete estudos que se aproximavam de nossa proposta. O que mais nos chamou a atenção foi o fato de que todos se preocupavam com a educação continuada dos profissionais da informação para atuarem e estarem incluídos no cenário das TIC.

Este levantamento evidenciou a preocupação desses estudos acadêmicos com a qualificação do bibliotecário e a inserção da biblioteca no cenário acadêmico/universitário/pedagógico. Com ele verificamos, também, que a biblioteca virtual não foi considerada, apesar de estarmos, há alguns anos, na era da virtualidade produzida pela expansão da *internet*. Este fato nos estimulou ainda mais a realizar nossa pesquisa, pois indica que o foco de investigação se não for inédito no meio acadêmico, é pouco estudado.

Diante dessa lacuna, consideramos oportuno aprofundar a formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais inseridas em instituições de ensino superior, discutindo a prática desenvolvida neste espaço, o que implica conhecer as dificuldades deste “novo” profissional e como investe em seu aperfeiçoamento.

⁵ CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior <www.capes.gov.br/>

⁶ Optamos por uma busca nos últimos sete anos tendo em vista que é a partir da virada do milênio que a presença do computador e internet se intensifica nos ambientes educacionais.

1.2 QUESTÕES DE ESTUDO E PROPOSTA METODOLÓGICA

Para atender nossa proposta de investigação, elaboramos as seguintes questões de estudo: (a) como os cursos de formação de bibliotecários vêm preparando esse profissional para trabalhar em bibliotecas virtuais? (b) que dificuldades esse profissional encontra em seu trabalho? (c) que caminhos utilizam para manter sua formação atualizada?

Dada à natureza dessas questões, a pesquisa assumiu uma abordagem predominantemente qualitativa, pois seus sujeitos – profissionais que atuam em BV de IES localizadas na região sudeste⁷ e profissionais recém formados - foram instigados a falar livremente sobre suas atividades, formação e dificuldades neste campo de conhecimento.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo básico colaborar para o desenvolvimento da teoria (STRAUSS; CORBIN, 2008), ou seja, busca informações e as analisa / compara / sintetiza de modo a oferecer subsídios que ampliem um determinado campo teórico. Para concretizar este objetivo, a pesquisa deve elaborar sua questão de estudo de forma clara, usando procedimentos de coleta de dados que permitam a análise / interpretação dos resultados.

Considerando esta natureza da pesquisa qualitativa, a coleta de dados foi feita do seguinte modo: (a) inicialmente levantamos, pelo *site* de instituições localizadas na região sudeste, as IES que ofereciam curso de biblioteconomia e suas respectivas grades curriculares, para verificar semelhanças e diferenças entre elas, com atenção especial à presença de disciplinas que se referem ao processamento virtual de informações, o que pode ser visualizado como indicador de inovação em uma proposta de graduação desse profissional; (b) em seguida, rastreamos as IES dessa região que possuíam bibliotecas virtuais; (c) a partir da localização dessas bibliotecas virtuais, procuramos verificar como surgiram e que serviços ofereciam. Neste momento era importante saber se havia (ou não) um modelo de biblioteca virtual; (d) após o mapeamento do contexto de estudo, os profissionais responsáveis pelas bibliotecas virtuais localizadas foram contatados e a eles foi solicitada a resposta a um questionário *online*, com perguntas fechadas (que coletou os dados sobre formação e experiência como bibliotecário)

⁷ A escolha dessa região se deve ao fato da região sudestes apresentar o maior número de BV, em torno de 56% de todo o país

e abertas (desmembradas das questões de estudo, objetivando atender à parte substantiva da pesquisa). Este questionário foi previamente validado por dois profissionais de biblioteconomia com mestrado.

Com os dados dos levantamentos iniciais, realizados nos *sites* das universidades / bibliotecas, foi possível fazer algumas comparações numéricas e elaborar gráficos, o que nos possibilitou atender à complementaridade qualidade–quantidade (SANTOS FILHO, 1995).

A análise dos dados coletados nas perguntas abertas do questionário foi conduzida com apoio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2000), de modo a se identificar os núcleos temáticos que apareciam como recorrentes nas falas dos bibliotecários e, também, aqueles que se encontravam isolados, mas que ali estavam, por algum motivo especial, merecendo ser aprofundados.

Os resultados depurados da interpretação dos dados foram então, confrontados às abordagens teóricas escolhidas para subsidiar a pesquisa.

Para finalizar esta apresentação da pesquisa, esclarecemos a organização dos próximos capítulos: no segundo encontra-se uma breve história da biblioteca; no terceiro situa-se a abordagem teórica contemplando: conceito, características e serviços da Biblioteca Virtual e a formação do Moderno Profissional da Informação (MIP); no quarto estão registradas, comentadas e depuradas as respostas oferecidas pelos dois grupos de profissionais (os que já atuam em BV e os recém formados) nas perguntas dos questionários; e no quinto são apresentadas as conclusões comentadas à luz do que foi retirado da literatura específica.

2. A BIBLIOTECA E SUA TRAJETÓRIA

A seguir resumimos o que encontramos de significativo na literatura sobre este organismo vivo: a biblioteca. Assim, o presente capítulo encontra-se dividido em duas partes. Na primeira abordamos a trajetória das bibliotecas ao longo de séculos; na segunda nos concentra-se na biblioteca virtual, falando de suas características e serviços.

2.1 DA BIBLIOTECA TRADICIONAL À VIRTUAL

Segundo o Dicionário Aurélio, (FERREIRA, 2004), biblioteca é o lugar onde se guardam os livros; indica estante ou coleção, pública ou privada, de livros e documentos congêneres organizada para estudo, leitura ou consulta; pode ser entendida também como edifício ou recinto onde se instala essa coleção. Já Cunha (1999, p.2), afirma que a biblioteca tradicional é aquela onde a maioria dos itens do seu acervo é constituída de documentos em papel. Ela existe desde a invenção da escrita.

Antes do advento da imprensa, em 1450, seu acervo era formado por outros tipos de materiais. Com a disseminação do papel e da prensa de Gutemberg, as bibliotecas passaram por uma mudança expressiva, vindo a constituir o que hoje denominamos de 'biblioteca tradicional', tendo como característica básica o fato de tanto a coleção como seu catálogo utilizarem o papel como suporte para o registro da informação. Apesar de existir desde a Antiguidade, somente no final do século XIX, é que se verifica uma grande revolução na biblioteca com a introdução do catálogo sob a forma de fichas, ocorrendo, então, o abandono do catálogo no formato de livro.

A Biblioteca Tradicional também é reconhecida como Biblioteca Real, significando que seu acervo é uma realidade composta de bens materiais (Ferreira, op.cit), ou seja, é algo que existe de fato. Para Lévy (1996) o real seria da ordem do 'tenho', enquanto o virtual seria da ordem do 'terás', ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, entre elas os microfimes – uma mídia analógica para armazenamento de livros, documentos, figuras, e os discos compactos, também denominados de CD, e os respectivos instrumentais

que os colocam em funcionamento: fotocopiadoras e CD-Players, surge a Biblioteca Polimídia, ou seja, aquela que tem capacidade para guardar e fazer uso de diferentes tipos de meios independentes para a armazenagem da informação. O papel, os microfimes e os discos compactos, por exemplo, são tecnologias fisicamente distintas que, tomadas em conjunto, constituem-se em facilidades de armazenamento polimídia. Assim, essas bibliotecas seriam instituições que armazenam informação, utilizando uma extensa e variada gama de "mídias". Em essência, são similares às bibliotecas convencionais, contendo livros que convivem com vídeos, fitas, *CDs*, *CD-ROMs*, microfimes, *softwares* de computador. Os processos de gerenciamento e organização nessas bibliotecas são praticamente manuais e, apesar de os computadores estarem disponíveis para os usuários eles não são utilizados para realizar qualquer forma de automação (MARCHIORI, 1997).

A trajetória da biblioteca é enriquecida com o modelo Interativo. Neste, busca-se a produção cultural de modo que as pessoas se tornem membros criadores e, não apenas, consumidores de cultura. As Bibliotecas Interativas comportam uma concepção dinâmica de espaço dentro da própria unidade, possibilitando interação entre os indivíduos que lhe acessam, havendo espaços grupais para os mais diversos tipos de atividades, sejam elas realizadas por meio de informações escritas, orais, audiovisuais e multimídia (PERROTTI, 2001).

Já as Bibliotecas Digitais, são aquelas que existem em disquetes, *winchester*, *CDs*, dispondo de todos os recursos de uma biblioteca eletrônica, oferecendo pesquisa e visualização de documentos (*full text*, vídeo, entre outros) tanto local como por meio de redes de computadores. Segundo Cunha (1999), apesar da biblioteca digital ser definida por dezenas de autores, ela possui uma ou mais das seguintes características: (a) acesso remoto pelo usuário, por meio de computador conectado a uma rede; (b) possibilidade de utilização simultânea do mesmo documento por duas ou mais pessoas; (c) inclusão de produtos e serviços de uma biblioteca ou centro de informação; (d) coleções de documentos correntes nos quais se pode acessar não somente a referência bibliográfica, mas também o seu texto completo; (e) provisão de acesso em linha e outras fontes externas de informação (bibliotecas, museus, bancos de dados, instituições públicas e privadas); (f) acesso aos documentos sem necessidade da biblioteca ser proprietária dos mesmos; (g) utilização de diversos suportes de registro da informação, tais como: texto, som, imagem e números; (h) existência de unidade

de gerenciamento do conhecimento, que inclui sistema inteligente ou especializado para ajudar na recuperação de informação mais relevante.

Para Marchiori (1997), a Biblioteca Digital difere das demais porque suas informações existem apenas na forma digital, isto é, encontram-se nas memórias eletrônicas (discos magnéticos e ópticos). Assim, a Biblioteca Digital não contém livros na forma convencional; suas informações podem ser acessadas em diferentes locais, próximos e remotos, por meio de redes de computadores. A grande vantagem da informação digitalizada é que ela pode ser compartilhada instantânea e facilmente, com um custo relativamente baixo.

Atkins (1998 *apud* CUNHA, 1994) afirma que a Biblioteca Digital tem como características a criação de novos e mais dinâmicos formatos, integrados com a representação de dados, informação e conhecimento; desse modo, ela pode apoiar novos grupos de colaboradores na criação e uso da informação, novas práticas comunitárias, permitindo a personalização da informação, incluindo a assistência no gerenciamento da informação, quando ocorrer excessos de dados.

Outro modelo de biblioteca muito importante nos dias atuais é a Biblioteca Eletrônica, um sistema de informação baseado na ampla utilização de máquinas, principalmente, microcomputadores, o que tem facilitado, como situa Marchiori (1997), a construção de índices *online*, a busca de textos completos e a recuperação e armazenagem de registros. A biblioteca eletrônica tende, cada vez mais, a ampliar o uso de computadores na armazenagem, recuperação e disponibilidade da informação, permitindo projetos para a digitalização de livros. Assim, haverá um uso extensivo de meios eletrônicos que ainda coexistirão com as publicações eletrônicas, tornando possível ao usuário remeter-se ao bibliotecário e aos 'sistemas especialistas'.

Drabenstott e Macedo (1997) afirmam que a transmissão eletrônica da informação dá novo sentido à biblioteca, integrando múltiplas tecnologias disponíveis, como, por exemplo: distribuição de documentos por meio de telefacímile; catálogo em linha para acesso público; compartilhamento de dados padronizados; inteligência artificial; sistemas especialistas, imagens gráficas melhoradas tecnicamente, artefato digital óptico para sistemas de estocagem; teleconferência; hipermídia; artefato de entrada, para processamento de voz; terminal de toque. Comporta, também, disco vídeo/ótico, holografia, artefato de saída, para processamento de voz, painel plano; processo de integração com múltiplas tecnologias para servir a único propósito, alcançando o usuário final;

sistema especialista de robótica para recuperação da informação; transmissão por satélites, ISDN e LAN⁸ e programa interface para usuário.

A junção de características das bibliotecas Eletrônica e Virtual possibilitou a Biblioteca Eletrônica Virtual⁹ (*Virtual Electronic Library - VEL*): um espaço integrado por hiperlivros e livros visuais, que pode ser compreendido como uma livraria com gigantesca quantidade de livros devido à conexão em rede de um número crescente de bibliotecas. Tal conexão possibilita um intercâmbio entre vários tipos de bibliotecas, originando uma "metabiblioteca", onde existem entradas para que os leitores naveguem por várias bibliotecas, da mesma forma que circulam em uma em particular (LANDONI *et al*, 1993, *apud* MARCHIORI,1997).

A figura 1 – Evolução da Biblioteca - procura ilustrar a evolução dos modelos de biblioteca, sugerindo que as mudanças foram muitas e significativas nos últimos 150 anos (1850-2000). Ela retrata a evolução da biblioteca e as etapas percorridas até a era virtual, sugerindo que as discontinuidades que acontecem em um sistema se dão por meio de evoluções contínuas e saltos bruscos de natureza qualitativa, que provocam as inovações. A maturidade e o tempo são processos infinitos, sempre haverá inovações de acordo com o surgimento de novas eras (tecnologias).

⁸ ISDN é tecnologia de acesso telefônico à *internet* através de uma linha telefônica dedicada e LAN é um sistema de redes de computadores.

⁹ Um exemplo famoso de Biblioteca Eletrônica Virtual no mundo é a Biblioteca de Alexandria.
<http://www.bibalex.org>

Figura 1 – Evolução da Biblioteca

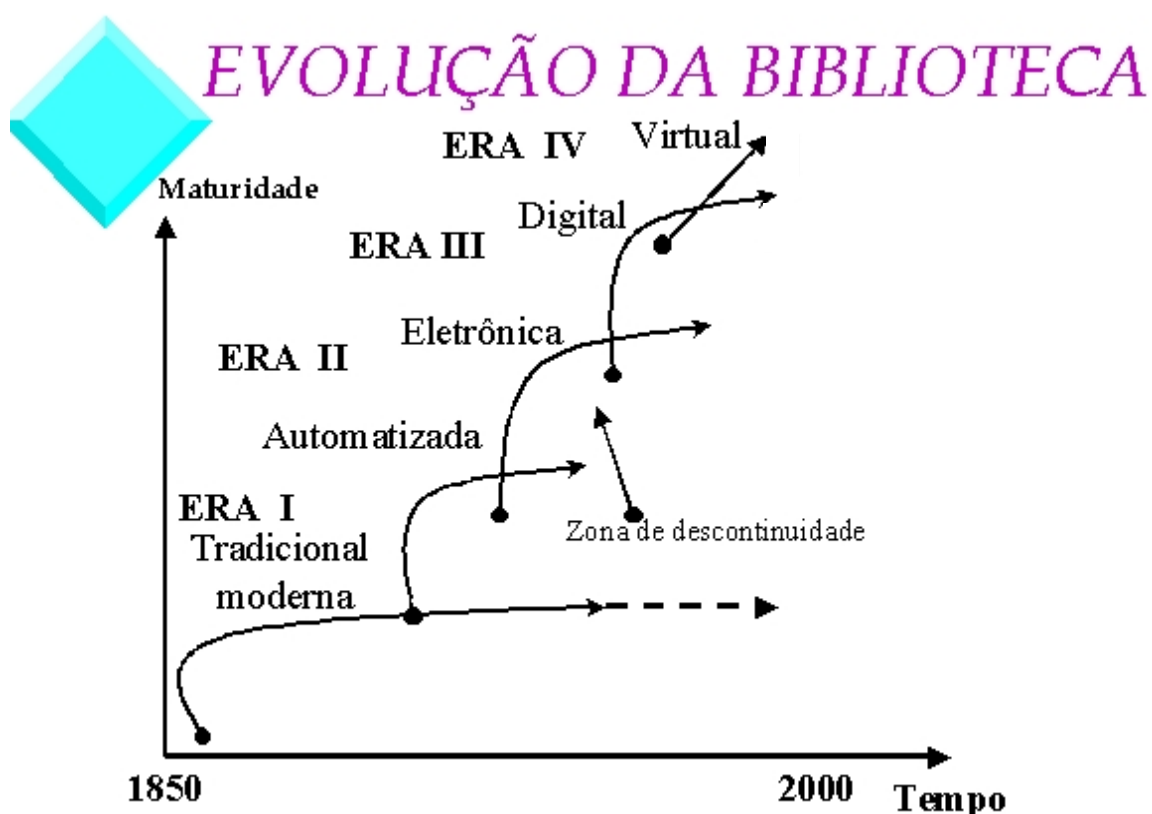


Figura 1 - <http://www.cid.unb.br/publico/setores/000/76/textos/2005/referencia%20definicoesPDF.pdf>

Cada uma dessas etapas tem uma denominação correspondente ao período que gerou um estágio tecnológico distinto; assim, a biblioteca que corresponde à primeira etapa é denominada biblioteca eletrônica; a biblioteca digital é uma denominação que corresponde à segunda etapa; e a era da *Internet*, ou terceira etapa, diz respeito às bibliotecas virtuais.

2.2 BIBLIOTECAS VIRTUAIS: CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E SERVIÇOS.

Com o advento da *internet*, em 1983, considerada a rede das redes, as bibliotecas passaram a adotar os serviços por ela oferecidos, tais como: correio eletrônico, conexão remota e transferência de arquivo. Mas, o que tornou a *internet* popular, foi sem dúvida a *Word Wide Web* (*www*) que disponibiliza no ciberespaço uma variada gama de informações: acesso aos catálogos das bibliotecas, textos na íntegra, museus, livrarias e outras informações (CUNHA *apud* MACHADO *et al*, 1999, p. 216).

Cunha afirma que as bibliotecas virtuais derivam de uma visão futurística feita por Vannevar Bush nos anos 40, quando o mesmo desenvolveu a idéia denominada *Memex*, uma espécie de sistema automatizado com uma série de características que somente foram alcançadas nos anos 90. Variações sobre o mesmo tema foram feitas por: Ted Nelson, ao elaborar o conceito de *Xanadu*; por Alan Kay com o seu *Dynabook*; e, por último, Lancaster com a sua *paperless library*.

Para Ted Nelson, idealizador do Projeto Xanadu, a biblioteca virtual seria uma grande rede mundial depositária de todos os documentos da humanidade, arquivados em uma estrutura universal de dados, possibilitando conexão e associação a outros documentos afins, por meio de duas características básicas: o digital e o hipertextual, cujos acessos seriam feitos com apoio de *links*. (LEVACOV, 1997).

A biblioteca digital é, também, conhecida como biblioteca eletrônica (termo preferido pelos britânicos), biblioteca virtual (quando utiliza os recursos da realidade virtual), biblioteca sem paredes, e biblioteca conectada à rede (CUNHA, idem).

Zang *et al* (2000), em uma primeira análise, comparam o conceito de biblioteca virtual ao de uma biblioteca no seu aspecto ambiente físico. Neste sentido, referem-se à biblioteca virtual como aquela que não existe fisicamente.

Rezende (2000) destaca que o conceito de biblioteca virtual:

está relacionado com o conceito de acesso por meio de redes a recursos informacionais disponíveis em sistemas de base computadorizada, criando a oportunidade de melhoria da qualidade dos serviços e produtos da biblioteca que devem visar à eficiência, à qualidade, ao serviço orientado ao usuário e ao retorno de investimento, mesmo que de forma indireta, otimizando a prestação de serviços da empresa em questão.

Considerando a informação como ponto de partida para as atividades acadêmicas, não podemos deixar de atribuir relevância à *Internet*, na medida em que integra, com apoio de versões eletrônicas, diversos recursos informacionais como documentos multimídia, listas de discussão, fóruns eletrônicos, conferências em linha, imagens, banco de *pre-prints*, entre outros.

Entre os serviços oferecidos pelas das bibliotecas virtuais podemos citar os seguintes: (a) consulta gratuita a publicações; (b) acesso a uma multiplicidade de recursos informacionais disponíveis na rede; (c) velocidade da comunicação

científica propiciada pela publicação direta na rede; (d) crescimento de usuários acessando, diretamente, a informação; (e) preservação de documentos; (f) impressão e distribuição versus distribuição e impressão; (g) personalização dos documentos; (h) leitura de texto com diferentes vozes para portadores de deficiência visual; (i) DSI – disseminação seletiva da informação; (j) localização e inclusão imediata de documentos e objetos digitais na rede, entre eles citam-se: contratos, processos e pareceres, atas e pautas, manuais, apostilas, fotos, slides e negativos, plantas e mapas, recortes, *clippings* e periódicos, normas e procedimentos; (k) localização instantânea de informação em milhões de páginas, contabilizando ganhos de tempo e produtividade; (l) preservação de documentos históricos, raros e frágeis, tais como livros, jornais, fotos, negativos, garantindo que não sofram desgaste nem sejam desencadernados.

As BV, dada à natureza do ensino superior – que deve estar atrelada à pesquisa - contribuem significativamente na aprendizagem, favorecendo o levantamento informações, conteúdos e a construção de conhecimentos com apoio das interfaces de busca oferecidos por ela. O MIP, por sua vez, deve participar efetivamente do desenvolvimento de cursos para poder selecionar, analisar e organizar o conteúdo necessário ao bom desempenho dos mesmos, possibilitando, assim, um ambiente informacional colaborativo. As BV não devem apenas possuir (exibir) um aparato tecnológico; elas têm de evidenciar que os ambientes virtuais de pesquisa e aprendizagem que oferecem podem favorecer processos didáticas e educacionais da contemporaneidade. É necessário que contenham elementos facilitadores e mediadores do processo de aprendizagem já que as suas bases de informação e tecnológicas (som, vídeo, textos interconectados, memórias virtuais, banco de dados, etc) otimizam o tempo de estudo e pesquisa, ajudam a gerenciar informações e a produção do conhecimento.

No contexto da virtualidade, a escola encontra-se em processo de adaptação. Entendemos que a integração aluno / professor / MIP seria um tripé fundamental para o ensino e aprendizagem. De acordo com Lévy (2001), a virtualização de um ambiente social envolve o desenvolvimento de ferramentas relacionadas à elaboração e compartilhamento de informações entre pessoas de uma coletividade. Sendo, pois, a escola uma coletividade que vive, necessariamente, da troca de saberes, conhecimentos e informações,

acreditamos que seria de grande proveito poder contar com uma BV em seu contexto.

Diferentemente das bibliotecas tradicionais, vistas como repositórios de livros, as BV podem se constituir em centros de aprendizado, com ambientes multiculturais em constante renovação de informações; nela o MIP deve ser um facilitador / mediador, que busca situar a educação na vivência virtual e na cultura informacional.

Rodrigues (1995) faz uma reflexão sobre os problemas que limitam o acesso às bibliotecas digitais/virtuais: (a) infra-estrutura; (b) necessidade de aperfeiçoar ou desenvolver novos métodos de identificação, catalogação, organização, classificação e indexação dos recursos eletrônicos; (c) defesa do direito autoral e *copyright*, para não prejudicar os que participam do processo de produção e distribuição entre estes: autores, editores, bibliotecas; (d) necessidade de mudanças organizacionais e superação de barreiras burocráticas na implantação deste tipo de biblioteca.

Levacov (1997) reflete sobre os obstáculos e os classifica conforme sua origem: (a) legais e éticos; (b) econômicos; (c) ausência de padrões de descrição de páginas – trata-se das questões dos endereços longos e difíceis de memorizar, pois não existe um padrão; (d) metáforas e *interfaces* – questão de autenticidade e integridade de documentos, obsolescência das tecnologias de preservação, armazenamento e recuperação da informação.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)¹⁰, já podemos observar, em nosso país, um crescimento significativo das bibliotecas virtuais, com especial destaque para a região sudeste (foco de nossa pesquisa) onde encontramos os seguintes números: (a) São Paulo 58; (b) Rio de Janeiro 45; (c) Minas Gerais 12, sendo que a sua soma (115) equivale a 64% de todas as bibliotecas virtuais do país.

Os gráficos a seguir ilustram a distribuição das bibliotecas virtuais por região e categoria.

¹⁰ O site do IBICT é <http://www.ibict.br> e o acesso a esses dados foi feito em 21/05/2008.

Gráfico 1 -Distribuição de bibliotecas virtuais por região¹¹

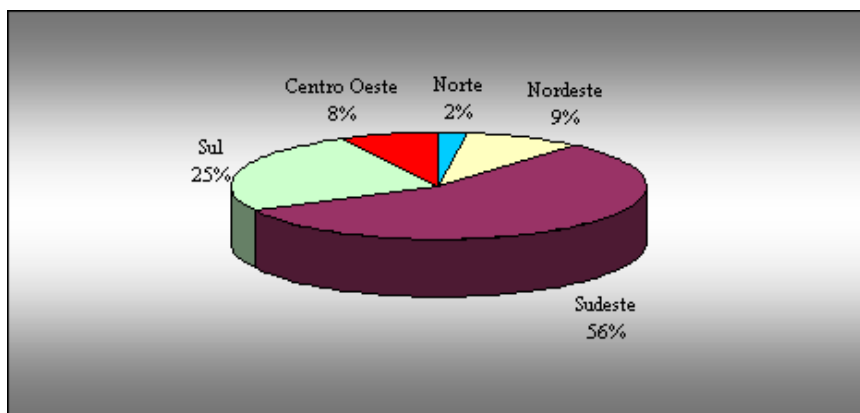
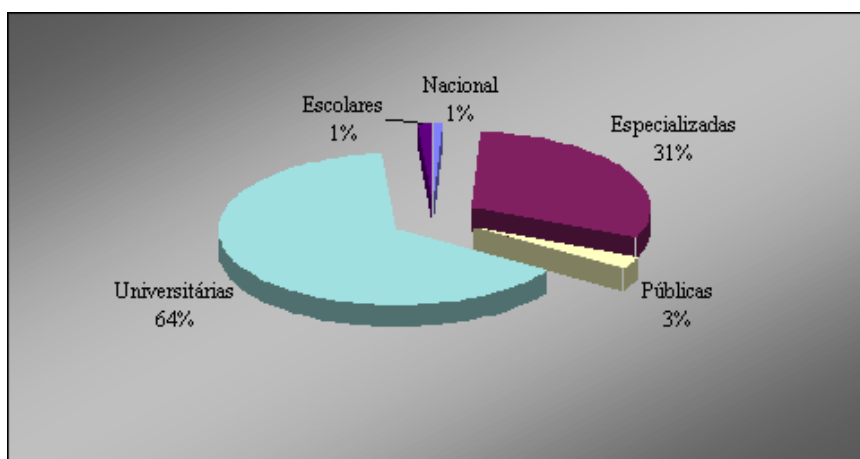


Gráfico 2 - Bibliotecas virtuais classificadas por categoria¹²



Cabe registrar que muitas dessas bibliotecas encontram-se localizadas em instituições de ensino superior, o que tem ajudado a convivência simultânea das três fases evolutivas da biblioteca: (a) automação de rotinas bibliotecárias básicas – biblioteca eletrônica; (b) acesso online às bases de dados por meio de redes de teleprocessamento controladas por satélite – biblioteca digital; e (c) uso intensivo da *internet* com planejamento específico – biblioteca virtual.

11 - Dados retirados do site: http://www.cg.org.br/gt/gtbv/bib_univ01.htm, acessado em 11/03/2008

12 - Dados retirados do site: <http://www.cg.org.br/gt/gtbv/estatistic.htm> acessado em 11/03/2008

3. O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Neste capítulo nos ocupamos do Moderno Profissional da Informação – MIP: um profissional que, hoje, ocupa lugar de destaque nas sociedades onde se verifica uma significativa expansão das tecnologias de informação e comunicação nos mais variados setores. Nessas sociedades tem sido crescente a necessidade de reformular os serviços oferecidos por bibliotecas; desde a simples biblioteca infantil ao banco de dados da empresa; da organização de estoques comerciais ao universo da *Internet*. No entanto, como lembra Guimarães e Guarezzi (1994, p.143) "o desenvolvimento da profissão bibliotecária pressupõe dois fatores interagentes: a formação educacional e o desempenho profissional". Desse modo, é fundamental lembrar que, à atuação do MIP, precede necessariamente a sua formação, seja no âmbito da educação formal (em nível de graduação e de pós-graduação), seja em nível de educação continuada (cursos de atualização e de eventos).

Em termos práticos, poder-se-ia dizer que a atividade do MIP, na atualidade, estaria centrada em algumas linhas básicas de ação (ou de atividades), dentre outras cabe mencionar a gerência de unidades (e sistemas) de informação, onde o MIP está diretamente envolvido com o ambiente informativo, o *staff* informativo e os recursos informativos, dando-lhes coesão e coerência.

3.1 A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS VIRTUAIS

A formação do bibliotecário, de um modo geral, se dá em dois níveis: graduação e pós-graduação. No primeiro, os objetivos fundamentais, segundo o que encontramos em sites de universidades reconhecidas¹³ no país que são: (a) formar profissionais capazes de acompanhar as transformações da sociedade, compreendendo o papel da biblioteca neste processo, identificando demandas de informação e propondo soluções inovadoras; (b) preparar profissionais para atuarem como especialistas no tratamento e difusão de informações, apoiados nas tecnologias da informação; e (c) capacitar profissionais para atuarem em nível de planejamento, administração, assessoria e prestação de serviços em redes e sistemas, bibliotecas, centros de documentação, serviços de informação;

13 – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal da Bahia; Universidade de São Paulo; Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Analisando-se a profissão de Biblioteconomia no Brasil, no transcorrer do último século, observamos que a mesma passou por distintos e marcantes períodos históricos, como apontam Mueller (1985) e Guimarães; Guarezzi (1994 a; b).

De início encontramos a visão do bibliotecário erudito, de formação eminentemente humanista, ligado à cultura e às artes, sob forte influência francesa da École de Chartres, que norteou a criação do primeiro curso de Biblioteconomia do país: o da Biblioteca Nacional (1911-1930). Em seguida, emerge a perspectiva de bibliotecário com formação técnica, sob nítida influência norte-americana (influência esta que inspirou os primeiros cursos de São Paulo), ligada fundamentalmente ao tratamento e organização de documentos (1930-1960).

Na década de 1960 ocorre o reconhecimento oficial da profissão em nível superior, com o estabelecimento de uma legislação profissional e a criação de órgãos de classe. A partir daí, surgem os primeiros cursos de pós-graduação, inicia-se o desenvolvimento da pesquisa e são publicados os primeiros periódicos científicos na área (década de 1970).

Nos anos oitenta ocorrem as reformas curriculares dos cursos de graduação em Biblioteconomia, incorporando uma visão de bibliotecário como agente cultural de informação. E como vimos anteriormente, este profissional, a partir dos anos noventa, passa a ser visualizado na perspectiva de MIP.

Guerreiro (1995, p.67), ao abordar este novo profissional, considerando aspectos divergentes na atuação de bibliotecários e arquivistas, afirma que:

[...] o que se espera é uma abertura maior entre os profissionais da informação para que, juntamente com os administradores, gerentes, diretores e outros tomadores de decisão, possam ampliar seus horizontes e atuar naquilo que Samuels (1993) denomina "estratégia documental", ou "serviço de informação empresarial" (Degent, 1986) ou ainda "gerência de recursos informacionais" (Vieira, 1993b), que nada mais é que: saber o que cada um quer, como e quando e saber, acima de tudo, o que é relevante ou não, o que deve ficar ou não, de acordo com a própria estrutura da instituição, suas metas, objetivos e contexto no qual está envolvida".

Se antes a visão do bibliotecário, do arquivista ou do museólogo era a de um técnico em seu sentido estrito, hoje se impõe à visão do *manager*, ou seja, aquele que: (a) racionaliza procedimentos (e gastos), indo em busca de

(e compartilhando) recursos, parcerias, integrando sua unidade de informação a sistemas mais amplos; (b) sabe tratar da informação relativa à relação MIP/fonte de informação, o que segundo Smith (1986, p.11) se define como capacidade de "reunir e organizar para achar"; e (c) pratica uma ação social crítica, isto é, questiona a exacerbação do tecnicismo profissional.

Permeando essa linha de ação, temos a questão das TIC, mormente quando a *Internet* deixou de ser algo etéreo para estar presente até nas realidades mais prosaicas. Inegavelmente, estamos em uma verdadeira *world web*, para a qual se impõe o aparato tecnológico. Se antes fontes informacionais em CD-ROM, por exemplo, podiam ser consideradas uma sofisticação e refinamento, hoje constituem instrumento de racionalização de custos e de espaço.

Atuar na gestão da informação é, sem dúvida, a principal atividade atribuída ao MIP, mas será que as escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação formam profissionais com esta capacidade, aptos a atuarem em qualquer ambiente empresarial e institucional de todos os níveis e segmentos? Supostamente, esses profissionais deveriam estar preparados para agir como diretores de informação, gerentes de informação, agentes de informação, gestores e outros.

A Faculdade de Biblioteconomia da PUC - Campinas⁽¹⁴⁾, por exemplo, destaca as seguintes habilidades na formação desses profissionais (a) conhecer e integrar novos recursos para a recuperação da informação; (b) gerenciar estoque de informação para uso futuro - Gestão da informação; (c) identificar e potencializar os recursos informacionais – criação, análise e uso, através de seis processos diferenciados e integrados: identificação, aquisição, organização e armazenamento, desenvolvimento, distribuição, uso da informação; (d) fomentar informação comentada e comunicada; (e) utilizar tecnologias com foco nas organizações, no valor da rede (sobrevivência da organização), por meio de bibliotecas virtuais nos ramos de redes e processos e; (f) utilizar e implementar redes, consórcios, parcerias, terceirização da informação organizacional.

Quando se trabalha com habilidades e competências dos profissionais da informação, percebe-se que as mesmas apresentam íntima relação com a formação de profissionais realizada em outras áreas.

A própria Ciência da Informação definiu-se da fusão de várias ciências. Damasio, Gomes Filho e Miranda (2000, p.4) caracterizam-na como uma integração de três ciências diferentes, Administração de Empresas, Documentação e Informática.

Assim, a questão do aperfeiçoamento profissional do bibliotecário caracteriza-se principalmente pela multidisciplinaridade de sua área, exigindo conhecimentos diferenciados, muitas vezes obtidos em cursos de áreas afins.

Quando se fala em competências profissionais, destaca-se o estudo de Carvalho (1999, p.75) sobre capital intelectual nas organizações, no qual se esclarece:

A competência dos profissionais refere-se à competência daquelas pessoas que planejam, produzem, processam ou apresentam os produtos ou soluções. A estrutura interna refere-se aos funcionários de suporte, ou seja, aqueles que trabalham nos setores de gerenciamento geral administração, contabilidade, pessoal, recepção, departamentos burocráticos, [...].

Montalli e Campello (1997) em seus estudos sobre o perfil do profissional da informação tecnológica e empresarial destacam que as empresas precisam de profissionais da informação atuando no gerenciamento de informação em seus vários formatos e fontes. Entretanto, além da informação interna, gerada e disseminada pelos departamentos da empresa, esta necessita ainda de bons profissionais de informação capazes de selecionar a enorme gama de variados tipos externos de informação, dispostos em diferentes formatos/fontes de informação, impressos, bases de dados, sistemas on-line, instituições, contatos pessoais, *experts* e outros.

O profissional da informação deve ter as habilidades e competências indicadas, principalmente, para o profissional bibliotecário. Tarapanoff (1999) destaca as seguintes habilidades como necessárias: ser inovador, criativo, líder, comunicador, negociador, empresário, especialista na busca (seletiva) informacional, diante da explosão da informação, e especialista em redes (para participar no processo de globalização).

No contexto da educação continuada Tarapanoff (1999, p. 31) define um ponto importante, “que é necessário alfabetizar digitalmente todos os profissionais da informação no Brasil, em especial os bibliotecários, para que estes possam atuar, como multiplicadores e alfabetizadores na sociedade da informação”.

Todos os profissionais necessitam de habilidades e competências distintas para sua atuação, que são fomentadas nos cursos de graduação e conduzidas ao

seu melhor aproveitamento e uso durante a atuação profissional. As habilidades e competências são muito pesquisadas nos programas de pós-graduação e trabalhadas de diversas formas, visando destinar aos profissionais atualizações e novas linhas de oportunidades de atuação no mercado de trabalho.

Muitas habilidades são conseguidas durante o aprimoramento profissional, dentro de áreas distintas das que os profissionais atuam. Listá-las na Biblioteconomia seria praticamente impossível, pelo fato deste ser um profissional apto a gerenciar informação em diversas organizações, podendo também atuar em cargos e funções diferenciadas, que também exigem habilidades e competências diferenciadas.

A importância do MIP na sociedade e suas habilidades podem ser discutidas em vários sentidos; destacamos neste estudo a verificação da importância desse profissional como gerente das TIC nas bibliotecas virtuais.

A *Special Libraries Association - SLA* (MARSHALL *et al*, 1996), desenvolveu uma lista de competências profissionais e pessoais para o MIP especializado, mas, que pode ser aplicada a qualquer profissional de informação.

Atualmente, alguns critérios são necessários na formação desses, são elas: (a) domínio das tecnologias de informação; (b) aquisição de mais de um idioma; (c) capacidade de comunicação e de relacionamento interpessoal; (d) capacidade gerencial e administrativa; (e) administração estratégica; (f) educação continuada; (g) planejamento estratégico; (h) adaptabilidade social; (i) visão interna e externa do ambiente; (j) gestão participativa envolvendo todos os funcionários da unidade de informação; (l) tomada de decisões compartilhadas; (m) trabalhar em equipe de forma globalizada e regionalizada; (n) deve ser participativo, flexível, inovador, criativo, delegar poderes facilitando a interação entre os níveis hierárquicos e a comunicação entre eles.

Segundo Castro (2002), podemos verificar alguns aspectos do perfil do MIP, tais como: (a) atenção às técnicas biblioteconômicas e documentais; (b) atitudes gerenciais pró-ativas; (c) desenvolvimento de atividades em espaços onde haja necessidade de informação; (d) tratamento e disseminação de informação, independente do suporte físico; (e) espírito crítico e bom senso; (f) atendimento real e/ou virtual aos clientes; (g) profundo conhecedor dos recursos informacionais disponíveis e das técnicas de tratamento da documentação com domínio das tecnologias mais avançadas; (h) domínio de línguas estrangeiras; (i) ativas práticas interdisciplinares; (j) fusão entre as abordagens qualitativas e

quantitativas; (l) estudo das necessidades de informação dos clientes e avaliação dos recursos dos sistemas de informação; (m) relação informação e sociedade; (n) domínio dos saberes biblioteconômicos e áreas afins; (o) planejamento e gerenciamento de sistemas de informação; (p) preocupação na análise, comunicação e uso da informação; (q) intenso processo de Educação continuada; (r) treinamento em recursos informacionais; (s) ativa participação nas políticas sociais, educacionais, científicas e tecnológicas

Já Marshall *et al* (1996, *apud* SANTOS 2000) registraram no relatório anual de 1996 ao Comitê Especial de Competências da SLA - *Special Librarian Association*, que as competências profissionais do bibliotecário moderno estão relacionadas ao seu conhecimento nas áreas de recursos de informação, acesso à informação, tecnologia, administração e pesquisa, bem como à habilidade para o uso dessas áreas de conhecimento como base provedora da biblioteca e dos serviços de informação. Como competências pessoais situam o conjunto de habilidades, atitudes e valores que permitem bibliotecários realizar um trabalho eficaz. Essas competências exigem, conforme Santos (2000), uma boa comunicação e interesse especial na educação continuada ao longo da carreira.

Na visão do Amaral (1998), o MIP deve se destacar nos seguintes enunciados: (a) ser um investigador permanente, pesquisando novos nichos de mercado da informação; (b) inovar as técnicas de segmentação do mercado; (c) identificar o novo perfil do consumidor; (d) buscar novos produtos que propiciem vantagens em relação à concorrência; (e) criar e manter serviços personalizados aos usuários/clientes; (f) posicionar produtos e serviços em condições compatíveis com a imagem da unidade de informação; (g) entender novos modelos de distribuição no ambiente eletrônico; (h) conhecer o novo papel da comunicação, interagindo com os profissionais desta área; (i) descobrir o modelo ideal para promover os produtos e serviços oferecidos; (j) aprimorar o relacionamento com a clientela; (l) visualizar modalidades para estabelecer parcerias com a comunidade, governo, órgãos de classe, agências de fomento e empresas privadas em geral; (m) moldar um novo e atualizado profissional para o atendimento ao público; (n) investir em controles para aprimorar desempenhos da equipe, do gerente e das metodologias de trabalho.

"O perfil do MIP deve ser caracterizado pelos atributos específicos de um agente de mudanças, capaz de gerenciar os recursos informacionais com a

habilidade exigida pelo setor de informação do quaternário". (AMARAL, 1998 p. 35).

Assim, este profissional deve conhecer a unidade de informação sob sua responsabilidade desde os aspectos socioculturais, econômicos, políticos, tecnológicos, demográficos e legais relacionados com o meio ambiente em geral e com o ambiente interno onde está inserida a unidade de informação (idem p. 36).

Enfim, o MIP deve gerenciar de forma organizada sua unidade de informação, tendo uma visão centrada no ser humano visualizado como sistema aberto e sujeito participativo. É fundamental que o MIP atue na perspectiva de coresponsabilidade, buscando a interação com o meio externo e adotando processos característicos de administração estratégica e flexível. Não pode deixar de ter controle sobre resultados obtidos, o que exige trabalhar em equipe, de forma compartilhada, capacitando e avaliando a informação, possuindo uma visão sistêmica da realidade, ampliando a capacidade organizacional de sua unidade de informação, criando e inovando.

O MIP deve ter competência em outras áreas também tais como: administração, computação, telecomunicações, economia, sociologia, para ter um elenco mais amplo/variado de habilidades (construção de *websites*, bases de dados e sistemas de informações gerenciais).

Segundo Piggot (1991) o trato com a informação na sociedade contemporânea requer a atuação de profissionais com grande variedade de competências, para tanto se faz necessária a interdisciplinaridade nos cursos formadores de profissionais da informação.

Devido ao surgimento das novas tecnologias de informação e seu rápido crescimento dentro da sociedade, estão sendo criadas as bibliotecas virtuais, também conhecidas como "bibliotecas sem parede", que almejam disponibilizar informações sem a necessidade de uma instalação física onde sejam armazenados livros, periódicos e/ou qualquer outro tipo de suporte de informação.

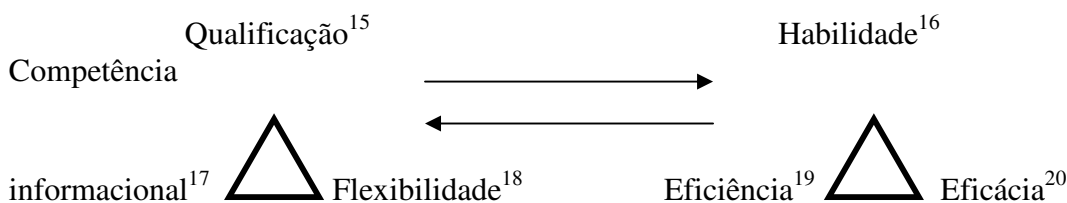
Com o avanço tecnológico dos meios eletrônicos, *internet* e outros suportes, a presença de profissionais de informação e de bibliotecas será fundamental para a recuperação e democratização das informações, pois as pessoas não estão preparadas para pesquisar e não dispõem de tempo, preferindo que profissionais gabaritados exerçam essa função. É nessa lacuna que a presença do MIP torna-se essencial dentro da sociedade.

Não podemos desconsiderar, também, que vivemos em um país onde o incentivo à educação é precário e que a maior parte da população desconhece ou não sabe manusear os instrumentos tecnológicos de busca de informação (aí se incluindo muitos daqueles que iniciam seus cursos de biblioteconomia), o que acaba por dar uma dimensão mais significativa ao MIP.

O perfil do bibliotecário do futuro deverá ser revisto. Ele deixará de ser um intermediador entre o usuário e a informação escrita para ser um intermediador do indivíduo (cliente) com a informação eletrônica. Nessa perspectiva, o bibliotecário do futuro deverá ser um exímio conhecedor de informática pois, com apoio dos meios tecnológicos, irá exercer seu papel de organizador e disseminador da informação. O bibliotecário passará a ser um "consultor de informação", provavelmente, trabalhando de forma autônoma, sem a necessidade de uma instalação nos moldes das bibliotecas atuais. Por essas questões, o profissional da informação, no futuro, para conseguir êxito em sua carreira, deverá prestar um serviço de qualidade, onde o atendimento ao cliente será fundamental para a manutenção de sua existência.

O esquema a seguir ilustra os pontos básicos na formação do Moderno Profissional da Informação – MIP.

Figura 2 – Pontos básicos na formação do MIP



Todos estes pontos são importantes e estão imbricados para a formação do MIP mas, a seguir, iremos definir melhor a competência informacional e falar também de uma habilidade que está contida nessa competência: a fluência digital.

15.QUALIFICAÇÃO – está associada ao repertório das ciências sociais. 16 .HABILIDADES – abrangem o comportamento humano em geral e as capacidades inatas e as resultantes de exercícios e/ou treinamento 17.COMPETÊNCIA – está ancorada nos conceitos de capacitação e habilidades/constructos das ciências humanas, da psicologia, educação e linguística. 18 .FLEXIBILIDADE – está voltada para capacidade do indivíduo em estar acordado com exigências preestabelecidas. 19 . EFICIÊNCIA – implica na eleição de objetivos valiosos, enfatiza as relações entre exercício profissional e ambiente. 20. EFICÁCIA – implica na operação de métodos e técnicas que não apenas representam a otimização de meios que são capazes também da consecução de objetivos propostos

3.2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E FLUÊNCIA DIGITAL

Com o advento do Moderno Profissional da Informação surge a necessidade de novas competências para a atuação na era tecnológica. No bom desempenho deste profissional destaca-se a competência em informação que deve ser usada no processo de geração, disseminação, acesso e uso das informações, o que implica em saber buscar, avaliar, filtrar e usar a informação quando necessária.

O termo *information literacy* ou competência informacional, segundo Dudziak (2003, p.23), foi utilizado pela primeira vez em 1974 no relatório do bibliotecário americano Paul Zurkowski, Dudziak afirmou que:

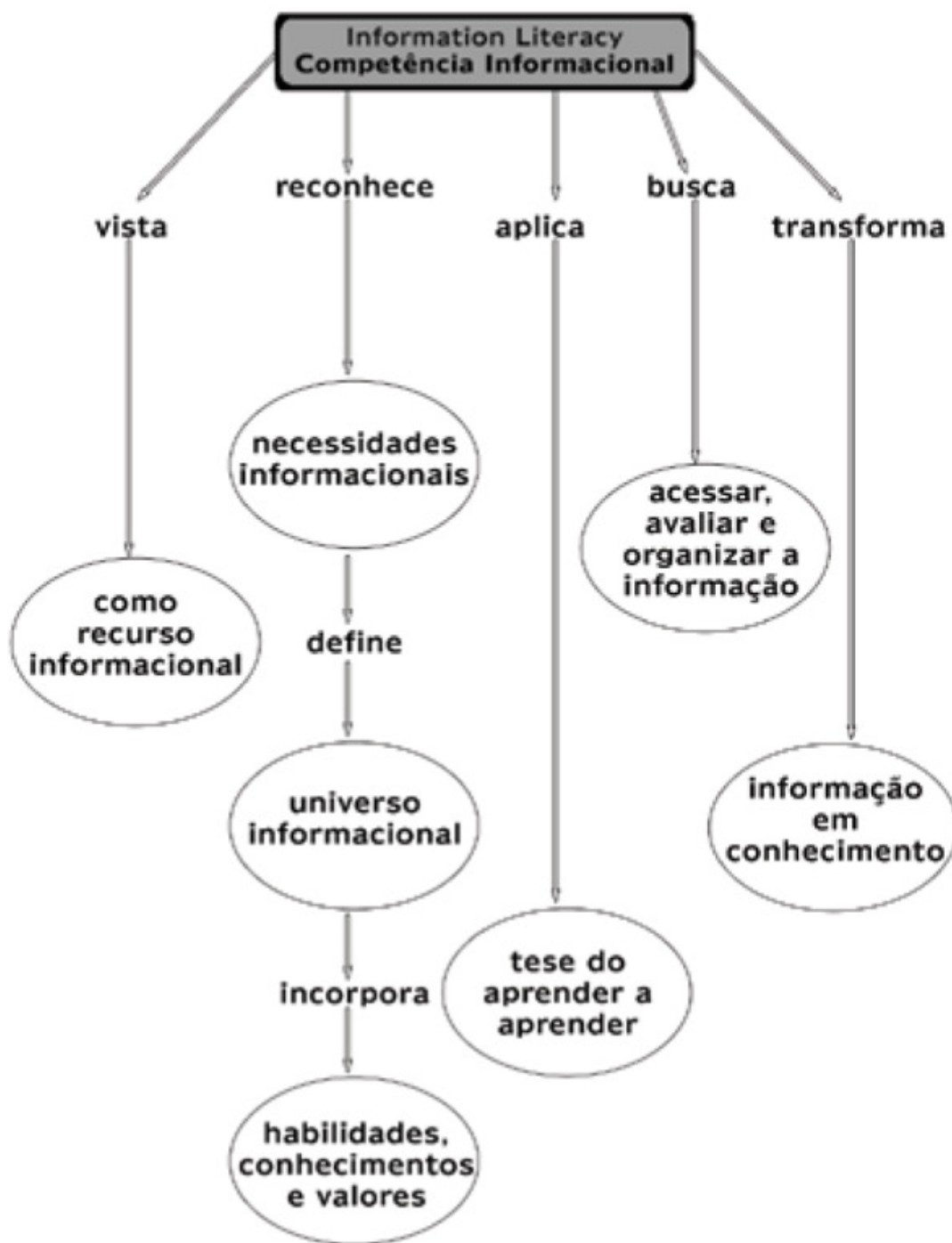
peçoas treinadas para a utilização de fontes de informação em seu trabalho podem ser chamadas de 'competentes em informação' (*information literacy*). Elas aprendem técnicas e ferramentas informacionais, bem como com fontes primárias, para encontrarem informação visando à solução de seus problemas

Vários autores definem a *information* (informação) *literacy* (habilidade para compreender matérias, ou seja, informar para desenvolver o que é específico ao conhecimento humano), mas achamos pertinente a definição de Dudziak (2002, p.30):

processo de interiorização de valores, conhecimentos e habilidades ligadas ao universo informacional e à competência em informação, como suportes da recuperação da informação, buscando um diferencial de contextualização apresentada de forma expressiva no chamado processo de identificação.

LISTON E SANTOS (2008) conseguiram sintetizar em um mapa conceitual o conceito da *Information literacy*.

Figura 3 – Mapa conceitual sobre *information literacy*



Fonte: Mapa elaborado por LISTON, Rose C.F. Seco; SANTOS, Plácida L.V.A. da Costa. Representando a Information Literacy “competências informacionais” na biblioteconomia.

Ter competência informacional não é uma habilidade específica dos MIP's; ela deve estar presente em administradores, arquivistas, analistas de sistemas, contadores, museólogos, jornalistas, etc., cada qual desempenhando papéis específicos nesse rol. Valentin (2002 apud Carvalho, 2002) afirma que no Brasil existem cerca de 22 mil pessoas atuando na área de informação nos setores públicos, privado, associativo e autônomo. A maioria dessas pessoas trabalha em regiões metropolitanas do país, sendo São Paulo o maior mercado de trabalho. Isto vale de alerta para os MIP's no sentido de que devem adquirir novas habilidades e competência informacional, interagindo com o novo ambiente.

Em 2000 a American Library Association – ALA definiu padrões que promovem o desenvolvimento da competência informacional; estes, na nossa visão, devem ser incorporados às práticas dos MIP. São eles: (a) saber determinar a natureza e a extensão da informação que necessita; (b) acessar a informação de forma eficiente; (c) avaliar a informação e suas fontes criticamente, agregar a informação em base do conhecimento; (d) usar eficazmente a informação para alcançar um objetivo específico; (e) compreender as questões econômicas, legais e sociais que envolvem o acesso e uso da informação de forma ética e legal.

Podemos, ainda, situar outros fatores importantes na formação da competência informacional dos MIP's com apoio de DUDZIAK (2000): (a) *media literacy* – habilidade para decodificar, analisar, avaliar e produzir informação em vários meios: impresso, áudio, filmes/vídeo, Internet, etc.; (b) *digital literacy* - habilidades para usar os sistemas digitais com ênfase na forma de como a informação é apresentada. Por exemplo, qual a diferença entre uma informação recebida via *e-mail* e outra recebida pela página *web*? ; (c) *network literacy* - habilidade para trabalhar em um ambiente de rede, tal como *world wide web*; uso de recursos e serviços da rede global de informação; entendimento do sistema que gera, gerencia e disponibiliza a informação; habilidade para manipular informações encontradas na rede, combinando-as com outros recursos e incrementando-as; (d) *visual literacy* – habilidade para entender o significado e os componentes da imagem, como veículo de informação; (e) *computer literacy* - habilidade no uso do computador e seus *softwares* para a realização de tarefas.

Temos consciência que essas habilidades transcendem os conteúdos técnicos dos cursos de Biblioteconomia, portanto o profissional deve ser crítico sobre sua realidade e buscar aprimoramento constante, dentro ou fora do seu ambiente de trabalho.

A competência em informação deve ser compreendida como um conjunto de habilidades/aptidões, dentre elas sobressai a fluência digital. Segundo BARRETO (2007) a fluência digital exige que o sujeito interaja com a tecnologia. Ele deve acessar e decodificar o conteúdo em meio digital e validar a informação através da apropriação cognitiva do conteúdo, para DUDZIAK (1992) trata-se de processo de interiorização de valores, conhecimentos e habilidades ligadas ao universo informacional. Ser digitalmente fluente envolve não apenas saber como usar ferramentas tecnológicas, mas também saber como construir coisas significativas com essas ferramentas (Papert e Resnick 1995).

Considerando essas habilidades no cotidiano do MIP, percebemos que a fluência digital pode favorecer a criatividade na atividade profissional. Podemos afirmar que tais habilidades estimulam o pensamento crítico e sistêmico e ajudam a desenvolver a capacidade de identificar, formular e solucionar problemas, bem como a curiosidade intelectual e o desenvolvimento de relações e colaborações inter-pessoais (RUSK 2003). BARRETO (2007) cita três condições que compõe a fluência digital e que devem ser consideradas pelos MIP's:

(a) conhecimento sobre: computadores; sistemas de informação; representação e organização da informação digital; *internet*, a *web* e redes de computador; modelos de organização e recuperação da informação digital; o cosmopolitanismo das redes e das comunidades *online*; o impacto da presença da tecnologia da informação no cotidiano imediato e nas perspectivas do futuro; as mudanças sociais e econômicas produzidas pela expansão das TIC na contemporaneidade.

(b) apresentar certas atitudes: aceitar que o conhecimento das tecnologias e a competência para lidar com elas é importante para a sua atividade profissional; acreditar que os textos digitais do tipo hipertexto, com *links* que levam a outros textos são mais fáceis de acesso e facilitam assimilar o conhecimento que se retira deles; admitir que saber operar o computador e a internet facilita o acesso a informação, o trabalho e o entretenimento; perceber que a competência digital representa um diferencial capaz de facilitar a obtenção e a manutenção de um

emprego; compreender que existe uma relação entre a forma como a informação é mostrada e a facilidade de assimilar o conhecimento contido nela.

(c) ter habilidade técnica para: configurar *softwares* de aplicativos; saber usar os sistemas operacionais existentes; usar um processador de texto para redigir, armazenar recuperar trocar, distribuir e publicitar um documento; usar um programa de gráficos, ilustrações, edição de imagens para criar desenhos, mostrar slides em palestras, ou exprimir idéias pela imagem; conectar um computador com a internet ou a uma rede de acesso rápido; usar a internet para encontrar informações e recursos necessários para a pessoa e para o empregador; usar o computador para estabelecer comunicação com outras pessoas; usar e montar tabelas para modelos, ainda que simples, de controle financeiro; a partir de um endereço eletrônico saber gerenciá-lo e usar um *software* aplicativo; usar um programa de buscas na *web*, avaliar sua qualidade e conhecer as opções existentes com suas especificidades e qualidades; ler um manual técnico, ou outro material instrucional, para aprender a usar novos aplicativos ou instrumentos de tecnologia da informação; conhecer os formatos dos arquivo digital mais usados e saber sua vantagem comparativa; compactar, enviar e receber arquivos compactados e descompactar arquivos; efetuar um *download* dos principais tipos de arquivo e operacionalizar o arquivo baixado no computador de seu uso; gerenciar a segurança de um computador, conhecer as diferentes ameaças e distinguir os *softwares* apropriados com suas potencialidades; realizar a gestão de acervo; compreender o que se expressa em língua inglesa, por ser esta universalmente utilizada.

3.3 EDUCAÇÃO CONTINUADA DO BIBLIOTECÁRIO: A QUEM CABE ESTA TAREFA?

Nas ultimas décadas, sobretudo a partir dos anos 90, tem se verificado um esforço das universidades no sentido de alterar seus currículos na tentativa de adequar o conhecimento de seus recém-graduados às expectativas das organizações. No Brasil, existem atualmente 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação, oferecidos por universidades públicas e particulares,

distribuídos da seguinte forma: universidades federais e estaduais – 26; faculdades particulares - 13.

A explosão informacional, o rápido avanço das tecnologias e as novas exigências da gestão da informação demandam imediata atualização. O caminho para solucionar esse impasse, muitas vezes, se faz via propostas de educação continuada que buscam interligar e aperfeiçoados três pontos interdependentes: formação, perfil e desempenho profissional.

Mas a quem cabe a responsabilidade por este tipo de formação? Nocetti (1982) se indaga:

[...] são os empregadores, para não ver depreciados seus recursos humanos? São as escolas de biblioteconomia, para assegurar a validade do seu produto? São as associações de bibliotecários, para ajudar a manter um padrão profissional adequado que eleve conceitualmente a classe? São os próprios indivíduos? Na realidade trata-se de uma responsabilidade compartilhada, na qual as motivações individuais têm um papel preponderante. (NOCKETTI, 1982, p. 19)

De um modo geral, o profissional da informação é apontado como o principal responsável por sua educação continuada, tendo em vista que é quem melhor conhece suas necessidades. Esse conhecimento aciona outro componente importante, que é a motivação, de teor subjetivo, mais facilmente estimulado pelo próprio indivíduo. Motivado, o bibliotecário tende a se manter sintonizado com as possibilidades de aperfeiçoamento e acaba percebendo as opções de que dispõe para sua formação continuada: acesso à literatura especializada, nacional e estrangeira; envolvimento em projetos de pesquisa; participação ativa em grupos profissionais; participação em congressos e outros eventos; uso de redes eletrônicas de informação; acesso à *internet* para utilização de bancos de dados, navegação em sites, participação em lista de discussão.

Nocetti (1982), no entanto, adverte que existem vários argumentos que justificam a limitada procura por formação contínua por parte destes profissionais, que incluem desde a falta de condições financeiras até a pouca oferta de propostas dessa natureza. Entre os argumentos situam-se: (a) as atividades de educação continuada implicam, geralmente, em gastos que o nível salarial nem sempre permite enfrentar; (b) a participação em atividades de educação continuada não é comumente reconhecida como parâmetro para promoções funcionais e/ou salariais; (c) os bibliotecários nem sempre contam com o financiamento das instituições empregadoras, em função da falta de recursos nos orçamentos para esse fim; (d) existem bibliotecas com um número mínimo de

bibliotecários, o que impede a saída do profissional para um curso regular de pós-graduação ou de extensão; (e) a literatura em biblioteconômica é carente de registros de pesquisa que atendam aos interesses e necessidades dos bibliotecários em relação ao assunto em pauta; (f) poucos artigos e documentos registram experiências de educação continuada de bibliotecários, o que seria importante para aprimorar novos planejamentos; (g) as escolas de Biblioteconomia, com algumas exceções, têm negligenciado o aperfeiçoamento dos egressos bem como o investimento em maior interação com as associações de bibliotecários no que tange ao planejamento de educação continuada.

Em face dos obstáculos mencionados, muitos bibliotecários têm optado pela realização de um curso de mestrado, em detrimento de atividades com menor investimento de tempo e dinheiro, mas que poderiam preencher as necessidades imediatas de suas atividades profissionais. Tal fato é um alerta para a importância da disseminação de cursos, seminários, *workshop* e estágios que propiciem novas experiências em uma perspectiva interativa, isto é, que facilitem a troca de experiências entre os participantes e o desenvolvimento da criatividade. Iniciativas dessa natureza podem garantir a atualização do profissional, desafiando-os e colocando-os em contato com as novas descobertas da ciência aplicáveis à sua área.

É desnecessário lembrar o papel das associações de classe, como elemento de congregação profissional, e das instituições de ensino e pesquisa como meio de experimentação e geração de conhecimento na consolidação dos processos de formação continuada. Vive-se hoje, no Brasil, um momento em que os cursos de graduação nas áreas atinentes ao MIP se lançam na árdua tarefa de reformular seus currículos, preocupados com a nova realidade profissional que se apresenta.

O currículo é um meio para a operacionalização de uma concepção educacional, visando à formação de um determinado profissional. Um conjunto organizado de disciplinas constitui, portanto, uma ferramenta para o alcance de certos objetivos educacionais. De acordo com Guimarães, Bertachini e Vidotti (1994), são pertinentes algumas sugestões no que tange a reformulações curriculares para o ensino de graduação em Biblioteconomia, a saber: (a) convívio diário com tecnologias de informação, enquanto ferramentas para toda e qualquer área de atuação profissional; (b) preocupação com uma visão gerencial no âmbito da área de informação; (c) abordagem dos suportes de informação como um todo,

desvincilhando-se da idéia de informação unicamente bibliográfica; (d) preocupação (e postura) interdisciplinar, onde aportes teórico-metodológicos de áreas de *interface* como Administração, Arquivística, Diplomática, Lógica, Lingüística, Comunicação, Psicologia, Sociologia e outras concorrem para o desenvolvimento das atividades do MIP; (e) minimização do número de pré-requisitos entre disciplinas, de modo a garantir maior agilidade às grades curriculares; (f) desenvolvimento de pesquisa (trabalhos de conclusão de curso e iniciação científica) como elemento para a qualidade do ensino, permitindo ao educando uma vivência da atividade de investigação em um contexto acadêmico; (g) preocupação com a educação continuada, pois o compromisso da Universidade com o educando é perene, ultrapassando os limites da educação formal. Disciplinas optativas bem planejadas, refletindo áreas de excelência de pesquisa do curso, podem se constituir em excelentes instrumentos para atualização de egressos; (h) preocupação em dar ao aluno uma visão integrada da estrutura curricular, onde todos os conteúdos são interdependentes e concorrem para o objetivo final - o MIP; (i) capacitação científica e pedagógica do docente para a operacionalização da grade curricular, sendo fundamentais a formação pós-graduada, a dedicação integral à docência, pesquisa e extensão e a produção científica regular; (j) concepção do estágio como um espaço de vivência profissional, onde o educando tem a oportunidade de aplicar os conteúdos veiculados pelo curso em situações concretas; (l) disciplinas obrigatórias voltadas para os conteúdos fundamentais, ficando as optativas como possibilidade para o aprofundamento em áreas específicas; (m) “oxigenação” das instituições de ensino, pela participação em comissões, projetos de pesquisa interinstitucionais, eventos, cursos e órgãos científicos, pedagógicos e de classe, em nível nacional e internacional, de modo a garantir a integração e o intercâmbio de informações e, assim, evitar isolacionismos.

Para encerrar este capítulo, cabe reforçar nossa preocupação com a formação dicotômica desse profissional, que situa em blocos separados o bibliotecário, o profissional da informação e as ciências da informação. Resta saber se a proposta de desvincular o termo biblio=livro dos nomes que se encontram no âmbito da nomenclatura relativa à profissão favorecerá, realmente, a formação atualizada desse profissional.

4. O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO OLHAR DE BIBLIOTECÁRIOS

Para responder às questões de estudo seria indispensável ouvir o que os bibliotecários já formados, que se encontram atuando nessa área há algum tempo, e os recém-formados dizem de sua formação, das dificuldades que encontram no seu trabalho e dos caminhos que percorrem para manter-se atualizados.

Assim, foram aplicados dois questionários: o primeiro dirigido a profissionais com experiência e o segundo, a sujeitos recém saídos de seus cursos de graduação.

Enviamos 70 e-mails para profissionais que atuam em BV da região sudeste. O endereço eletrônico desses profissionais foi obtido no site <http://www.cgi.br/gt/gtbv/bibliotecas.htm>. Dos 70, oito constaram como 'endereço inexistente' e duas BV apareceram com a resposta 'período de recesso' (repetimos posteriormente o encaminhamento, mas não houve resposta). Dos 60 recebidos, 17 responderam, ou seja, 28%. Considerando este total de respondentes como nosso universo (100%), verificamos que eles assim distribuíam: 5 respondentes de Minas Gerais (29%); 5 do Rio de Janeiro (29%); e 7 de São Paulo (42%). O que eles dizem sobre suas atividades em BV e formação?

4.1 AS RESPOSTAS DOS PROFISSIONAIS COM MAIS EXPERIÊNCIA

A primeira pergunta do questionário visava saber quais eram os serviços oferecidos na biblioteca onde trabalhavam que podiam ser classificados como pertinentes a uma BV.

Os respondentes (R) de Minas Gerais (R1, R2, R3, R4, R5) assim se pronunciaram:

R1 – *(a) catalogação de vídeos digitais produzidos pelos alunos do curso de comunicação da Universidade de Fortaleza (exibido em TV fechada - NET) e vídeo Institucional (exibido em canal aberto de TV); (b) catalogação de dissertações digitais produzidos pelos mestrados da Universidade; (c) disponibilização, via internet, dos periódicos estrangeiros assinados pela Universidade; (d) disponibilização, via internet, de bases de dados assinadas pela Universidade; (e) disponibilização, via internet, de sumários de periódicos do*

acervo (em formato referencial); (f) indicação de sites e links interessantes para os usuários, arranjados por assunto.

R2 - dados bibliográficos indexados com palavras-chaves do DeCS e textos completos com livre acesso pela internet ou restritos por comutação.

R3 - recolhimento e disponibilização on line de teses e dissertações na íntegra.

R4 - temos a biblioteca on line Sebrae <http://www.biblioteca.sebrae.com.br> . Cliente pesquisa, faz download, leitura e impressão.

R5 - não são oferecidos serviço que caracterize a biblioteca como virtual.

Os respondentes do Rio de Janeiro (R6 a R10) registraram:

R6 - desenvolvemos uma Biblioteca Virtual em Saúde – Educação Profissional em Saúde, para atender aos profissionais da área de educação, educação profissional e saúde. São ministradas aulas de Fontes de Informação, levantamentos bibliográficos, entre outros serviços.

R7 - comutação, busca bibliográfica e alimentação de bases de dados através da Rede Bireme e alimentação da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ em Odontologia e Enfermagem (BDTD).

R8 - pesquisas em Bases de Dados eletrônicas, remotas ou não, cujos conteúdos respondem às questões dos usuários da Biblioteca, que é especializada na área jurídica.

R9 - e-mails, o nosso acervo está disponibilizado na página da instituição, a biblioteca está toda informatizada inclusive os periódicos (títulos) estão disponíveis no catálogo online da biblioteca entre outros.

R10 - fazemos comutação bibliográfica (apenas para os alunos da instituição); nosso acervo está online, nos comunicamos com alunos e professores através de e-mails, fazemos pesquisas de assuntos ou títulos via Internet, etc.

Já os bibliotecários de São Paulo (R11 a R17) mencionaram:

R11 - infelizmente ainda não podemos considerar nossa biblioteca como tal. Caminhamos a passos lentos. Informatizamos o acervo, temos a multimídia que faz parte da biblioteca onde alunos fazem pesquisas através da internet e do portal educacional, desenvolvem seus trabalhos e gravam ou imprimem. Agora no início do ano, inauguramos nosso site da biblioteca que permitirá que façam consultas de livros em nosso acervo, mas, por enquanto, ainda não fazemos renovação nem reserva de livros via net.

R12 - nossa biblioteca ainda se caracteriza como tradicional na maioria de seus serviços, dispõe de algumas bases virtuais também: como a base de teses da USP e periódicos eletrônicos.

R13 - o serviço da Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo recebe as solicitações de informações (e as responde) através de seu e-mail biblioteca.virtual@sp.gov.br, ou através do site: www.bv.sp.gov.br. É um setor subordinado à Secretaria de Comunicação e é um serviço eletrônico de pesquisa que se baseia em conceitos avançados na área de recuperação e disseminação de informações, utilizados atualmente por grandes empresas. As principais características de nosso serviço são:

Assunto: As informações podem ser solicitadas em todas as áreas do conhecimento

Acervo: Não possuímos acervo nem um banco de dados especializado, pois o tipo de informação que nosso cliente busca não se encontra em bancos de dados existentes.

Personalização: as pesquisas são realizadas de acordo com a necessidade de cada cliente.

As solicitações devem ser feitas através do e-mail biblioteca.virtual@sp.gov.br, contendo o nome do solicitante, instituição, tema da pesquisa, especificação pretendida do assunto e data prazo de resposta. Ressaltamos que este serviço é gratuito e não necessita de cadastro prévio para ser utilizado.

A Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo também é responsável pelo gerenciamento e encaminhamento dos e-mails, recebidos por alguns FALE CONOSCO do Governo do Estado, incluindo o site oficial do Governo (<http://www.saopaulo.sp.gov.br>), às Secretarias de Estado e demais órgãos governamentais competentes.

Também possui uma Base de Dados de Programas e Projetos Sociais. Essa base, que faz parte do site da Biblioteca Virtual, disponibiliza dados sobre todos os programas e projetos de cunho social mantidos pelas Secretarias e outros órgãos do Governo do Estado de São Paulo. Acesse: www.bv.sp.gov.br/projetos.

Veja algumas matérias que saíram na imprensa sobre a Biblioteca Virtual:

http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/bv_imprensa.html

Total geral de acessos: 436.125 / Emails respondidos pela BV: 6.038.

R14 - banco das teses virtual (nosso acervo), Scielo e Portal da CAPES.

R15 - atendimento de serviços via intranet da Biblioteca. Os alunos são cadastrados e solicitam levantamentos bibliográficos, cópias de artigos, renovações de empréstimos entre outros serviços. Acesso às bases de dados, boletins, catálogos, notícias, eventos via internet.

R16 - conteúdo em formato digital, atendimento através de e-mail, interação com o usuário através de enquetes, nenhum trabalho tradicional.

R17 - pesquisa em várias bases de dados ao mesmo tempo, intranet com solicitação de renovação de empréstimos de livros, inscrição em treinamento para acesso às bases de dados disponibilidade para pesquisa, informação por docente sobre a sua produção científica, sugestão de aquisição pelos usuários e referência virtual (por e.mail).

As respostas a essa pergunta inicial indicam que três instituições (de R5; R11 e R12) não eram consideradas BV. Os demais respondentes apresentaram as atividades que caracterizam suas bibliotecas como virtuais, a saber:

- catalogação de informações (vídeos, dissertações, teses e outros dados por assunto). Esta atividade pode gerar a elaboração de catálogos *online*;
- disponibilização de informações – periódicos na íntegra ou seus sumários (geralmente, os periódicos são os assinados pela instituição); bases de dados (como SCIELO e Portal CAPES); textos completos; dissertações e teses na íntegra;
- levantamento bibliográfico e alimentação de bases de dados (Rede BIREME);
- indicação de *sites / links* de interesse dos usuários;
- comutação bibliográfica;
- pesquisa em base de dados (solicitada por alunos/professores) por assunto ou título;
- treinamento / aulas a fontes de informação e/ou base de dados;
- cadastramento de alunos para atender às solicitações de informação;
- resposta a *e-mails* dos usuários;
- avaliação do serviço oferecido (por meio de questionário de avaliação *online*).

Como se pode observar, as BV, ainda que localizadas em diferentes espaços regionais, realizam praticamente as mesmas atividades.

Na pergunta seguinte (2), indagamos aos sujeitos se sabiam quais eram os serviços que caracterizavam uma biblioteca virtual e em que medida a biblioteca onde trabalhavam podia ser assim caracterizada. Todos responderam que sabiam, buscando definir a sua biblioteca.

R1 - *entendo que o que está disponível através de nosso site e que permite acesso a distância, pode ser chamado de BV.*

R2 - *acredito que a biblioteca onde atuo possa ser assim designada, embora as BV ainda não sejam software de gestão, ou seja, de gerenciamento total de trabalho em biblioteca.*

R3 - *apesar de termos este serviço, ainda estamos dentro de uma biblioteca grandemente tradicional, o que não nos permite trabalhar com a integridade dos serviços on line, desde que o orçamento é primeiramente para a compra de acervo físico e depois para estrutura da biblioteca virtual. Mesmo assim, temos um servidor dedicado e software específico, e teremos outros agora, com a implantação do repositório de trabalhos acadêmicos, o que nos permitirá ter toda a nossa produção científica disponibilizada online na íntegra e trabalhar com treinamento dos usuários, também online.*

R4 – *não.*

R5 – *não, pois possui característica de uma biblioteca tradicional, apesar de ter 40 anos de funcionamento. Ela passou a ter o profissional bibliotecário atuando há apenas 4 anos.*

R6 – *além dos serviços mencionados na resposta anterior, há um projeto de BV na área da saúde em nossa biblioteca.*

R7 - *sim. Enquanto membro cooperante da Rede Bireme e da BVS Integralidade, automaticamente fazemos parte de uma BV. A BDTD tem o objetivo de disponibilizar as teses e dissertações da UERJ com texto completo em ambiente virtual. Nossas teses e dissertações e os artigos da Revista Enfermagem UERJ, aos poucos, também vão aparecendo com texto completo na BVS/Bireme. Também dispomos de um e-mail onde trocamos informações com os usuários a respeito do material indexado.*

R8 - *Não totalmente, pois o sistema de gerenciamento do acervo via internet (base em Brasília) ainda está em fase de implantação.*

R9 - *Não, ainda falta muito.*

R10 - *acredito que os serviços ainda sejam incompletos, mas já estamos dando os primeiros passos.*

R11 – *não. Conforme disse acima, ainda não estamos completamente integrados para desenvolver um trabalho virtual.*

R12 - *não. A maioria dos serviços ainda exige a presença do usuário na biblioteca.*

R13 - *Sim. Apóia-se no acesso a dados e não em acervo, atendendo por demanda às necessidades de informações da Administração Pública Paulista e do público em geral. A definição de virtual como adjetivo que significa “existir, por força e efeito, apesar de não real ou expressado”. Permite o cumprimento de funções e objetivos da “coisa real”. A idéia é oferecer o máximo de acesso à informação pelo usuário, com o mínimo de inconvenientes. Independe de um acervo único (as fontes de informação são múltiplas) e está mais voltada para a questão da distribuição (ou do acesso) às informações. Uma BV deve oferecer acervo para acesso remoto; confiabilidade na informação; uma nova perspectiva de tempo e lugar; consolidar a idéia de usuário remoto; informação de maneira rápida, exata e eficiente; informação como negócio.*

R14 - *sim. Temos um banco de teses on line e um título de revista.*

R15 - *sim, o que se pode ver com a resposta à primeira pergunta, na qual são listados alguns dos serviços oferecidos pela Internet e intranet.*

R16 – *sim. O conteúdo de uma BV deve ser todo virtual, assim como todo o serviço de referência, através de e-mails e chats.*

R17 – *sim. A BV oferece serviços diferenciados de uma homepage, como ocorre com renovação em empréstimos, possibilidade de inscrição em treinamento e interatividade com os usuários.*

Nessas respostas verifica-se o aumento do número de respondentes que não considerou sua biblioteca como virtual. Na primeira pergunta apenas três sujeitos (R5, R11 e R12) esclareceram, logo, que as bibliotecas onde atuavam não era uma BV. Com a pergunta 2 encontramos mais três sujeitos com esta opinião (R4, R8 e R9). Assim, entendemos que 6 instituições (35%) não incluídas na categoria de interesse deste estudo. Mesmo assim, todos apontaram características que definem uma BV. São elas:

- acesso ao acervo da biblioteca à distância;
- organização da biblioteca por meio de software de gestão do trabalho total;
- organização baseada em um projeto, que tenha como ponto de partida a homepage da biblioteca com todos os serviços oferecidos;
- oferecer informação confiável, de forma rápida e eficiente;
- realizar treinamento dos usuários para acesso ao acervo;
- garantir interatividade com o usuário;
- ter serviços de *chat* e correio eletrônico;
- consolidar o usuário remoto.

A pergunta seguinte (3) indagava se a BV onde esses sujeitos atuavam já havia nascido com esta característica ou tinha migrado da tradicional para este *status*. Embora a resposta já tivesse sido tangenciada nos registros anteriores, aqui ficou mais clara pelas explicações oferecidas.

R1 - *passou de BT para BV. O acesso às bases de dados eletrônicas já nasceram BV. Os periódicos e dissertações eram acessados em documentos impressos, mas hoje eles estão, também, em formato eletrônico. Sites e links interessantes já são resultados da internet. A transição foi gradual na medida em que os conhecimentos foram sendo adquiridos.*

R2 - *passou de BT para BV com a divulgação online do acervo.*

R3 - *passou de BT para BV. O mais significativo é que a necessidade da agilização na recuperação da informação não foi fator primordial impulsionador da mudança, porque o conservadorismo da administração da biblioteca emperra todo o trabalho. Há bibliotecários que ainda preferem trabalhar com máquinas de escrever, ou seja, estão ainda na pré-história da mecanização, apesar de serem relativamente jovens (menos de 50 anos). Tiveram aulas de Reprografia nos cursos, mas não conseguem acompanhar a migração da tecnologia. E como quem faz o serviço são os profissionais, a política implementada por eles é sempre tosca, cega para questões como agilidade da disponibilização da informação. O importante para eles é processamento técnico de livros e estatística de atendimento.*

R4 - *temos a biblioteca tradicional e a eletrônica.*

R5 - *não houve transição.*

R6 - *nasceu como BV. Não houve mudança já havia uma Biblioteca física estruturada e foi desenvolvido posteriormente o projeto da Biblioteca Virtual em Saúde.*

R7 - *passou de BT para BV. Aos poucos, a metodologia em DOS foi sendo aprimorada e o que antes digitávamos arduamente, agora é possível ser inserido através de recorte e colagem a partir dos arquivos fornecidos pelos autores e editores. A inserção do campo texto completo também foi um grande avanço. Outro marco foi à alimentação da BV com a Revista Enfermagem UERJ que, antes, era feita por outra biblioteca.*

R8 - *passou de BT para BV. A evolução das bases de dados jurídicas acessíveis pela internet.*

R9 - *passou de BT para BV.*

R10 - *passou de BT para BV.*

R11 - *não respondeu.*

R12 - *passou de BT para BV.*

R13 - *nasceu como BV.*

R14 - *passou de BT para BV. A facilidade em que o usuário consegue a informação.*

R15 - *passou de BT para BV. A inauguração do site da Biblioteca com os serviços disponíveis.*

R16 - *passou de BT para BV. Ela era uma biblioteca tradicional de um órgão que atendia a todo o Brasil, então para atender a pessoas que não podiam se*

deslocar para ela pessoalmente, criou-se um site com vistas a atender de forma virtual.

R17 - passou de BT para BV. O processo de transição entre o site e a BV foi até rápida, mas continuamos com a biblioteca tradicional para gerenciar e manter.

Pelas respostas, podemos notar que 12 BV (70%) se originaram de bibliotecas tradicionais; duas já nasceram como BV; uma não migrou porque ainda é tradicional; em outra instituição convivem as duas modalidades: tradicional e eletrônica. Portanto, a maior parte das BV aqui focalizadas já nasceu comprometida com o modelo tradicional de biblioteca. Segundo dois respondentes, esta passagem de um modelo ao outro foi lenta e se iniciou com a criação de um site e a disponibilização de alguns tipos de informação aos usuários, como por exemplo: teses, dissertações e periódicos. A resposta de R6 enfatiza, novamente, a importância de um projeto na criação da BV.

Cabe salientar a resposta de R3 que expressa as dificuldades nesta migração, quando profissionais com esquemas mais antigos de trabalho interferem negativamente nas inovações que estão sendo adotadas.

Na quarta pergunta pedimos aos sujeitos que apontassem as atividades específicas de uma biblioteca tradicional que permanecem na BV. Eles indicaram:
R1 – *(a) acesso aos textos de periódicos; e (b) acesso aos textos das dissertações.*

R2 - classificação, catalogação, indexação e desenvolvimento de coleções.

R3 - necessidade de monitoramento e planejamento, estatística, impressão de trabalhos.

R4 - acesso à informação de forma gratuita.

R5 - empréstimo e devolução.

R6 - inserção de material bibliográfico nas bases de dados; atendimento ao usuário; solicitações de cópias;

R7 - se eu entendi bem a sua indagação, o trabalho intelectual de catalogação e indexação continua o mesmo. Também os códigos de catalogação são os mesmos. Mudaram apenas a tecnologia e os softwares.

R8 - gerenciamento do acervo não disponível na web.

R9 - catalogação, classificação e ainda mantemos o catálogo de fichas caso venha a ter algum imprevisto com o sistema, com a rede, etc.

R10 - *ainda não atendemos apenas online, os processamentos técnicos permanecem.*

R11 e R12 – não responderam.

R13 - *atendimento às solicitações de informações em geral, apenas muda o formato de envio bem como o objeto de desejo: não é físico EEB.*

R14 - *disponibilizando o material e orientando o usuário.*

R15 - *várias atividades permanecem, o que mudaram foram os instrumentos. Ainda há seleção, catalogação, empréstimo de acervo impresso, preservação de coleções etc.*

R16 - *tudo, o que muda é forma de atuação do profissional, que de presente se torna virtual, e o suporte dos documentos, que se tornam totalmente digital.*

R17 - *empréstimo, inscrições, referência.*

Das respostas oferecidas, podemos inferir que os respondentes se enquadram em três grupos distintos: (a) os que acreditam que a BV constitui um modelo novo (R16) e que, portanto, aproveita pouca coisa da biblioteca tradicional, o que inclui até formas de atuação de seus profissionais; (b) os que entendem que muitas atividades da biblioteca tradicional permanecem na BV, entre as quais se destacam: seleção, catalogação, classificação, indexação, desenvolvimento de coleções, planejamento, estatística, orientação ao usuário (R1; R2; R4; R7; R8; R9; R13; R14); e (c) os que ainda vêm a BV na perspectiva de biblioteca tradicional com impressão de material; empréstimo e devolução de material (R3; R5; R6; R15 e R17).

Na continuidade do questionário, perguntamos aos sujeitos (pergunta 5) quais as atividades básicas que o Moderno Profissional da Informação (MIP) realiza em uma BV, ao que responderam:

R1 – *(a)selecionar sites interessantes e acompanhar se eles continuam ativos; (b) saber usar e treinar usuários no uso de bases de dados eletrônicas; (c) usar as ferramentas de gerenciamento de recursos de conteúdos eletrônicos.*

R2 - *importações, edições e certificações de novos registros bibliográficos, incorporando-os ao acervo físico online.*

R3 - *busca em bases de dados, com linguagem controlada; busca em internet, com linguagem não controlada; transposição de suporte de documentos; governança de TI; organização de bases de dados.*

R4 - *desenvolvimento e seleção do acervo online; disponibilização e atualização constante do acervo.*

R5 - *a indexação.*

R6 - *pesquisa na internet das fontes de informação; inserção de materiais bibliográficos.*

R7 - *catalogação, indexação, recuperação da informação e interação com outros profissionais e usuários em âmbito virtual e em tempo ágil.*

R8 - *pesquisas virtuais.*

R9 - *não se preocupar apenas com o acervo físico.*

R10 - *pesquisas virtuais, recuperação de informações que não estejam apenas no acervo da sua biblioteca.*

R11 – *não respondeu.*

R12 - *disponibilização e atualização de dados em bases virtuais, atendimento remoto via e-mail, chats ou telefone.*

R13 – *capacitador; papel social - agir proativamente; gatekeepers (gateways); pensamento no coletivo com vistas à cidadania; foco no cliente e em seu comportamento; conhecer seu cliente - saber suas necessidades e escolher o melhor canal para atendê-lo.*

R14 – *disponibilizar o material, orientando o usuário.*

R15 - *seleção de coleções eletrônicas, capacitação à distância, atendimento por email, etc.*

R16 - *administrador de site, gerenciando e alimentando com conteúdos condizentes a BV; pesquisa em outras BV e sites para levantar material; atendimento de referência através de e-mails e chats; análise de layout, buscando a usabilidade da página afim de que os usuários, de forma intuitiva, consigam encontrar documentos com no máximo dois cliques; análise de perfil, através de DSIs e enquetes; elaboração de alertas virtuais, utilizando softwares integrados ao site e a outros servidores; orientação a webmasters, visando melhorias permanentes no site;*

R17 - *desenvolvimento de serviços virtuais, atendimento virtual (e.mail ou chat), desenvolvimento de recursos web 2.0 para as bibliotecas, alimentação de bases de dados de multimídia.*

Observamos, então, que não há consenso entre os respondentes sobre as atribuições do MIP. As respostas podem ser enquadradas em duas categorias: (a) aquelas que vêem as atividades do MIP em uma perspectiva ampla, evoluindo: desenvolvimento de serviços virtuais específicos para uma BV (R3; R16 e R17); e

(b) as demais (à exceção de R11, que não respondeu), que percebem as atividades do MIP em uma perspectiva fragmentada, envolvendo aspectos pontuais, como, por exemplo:

- saber buscar informações em bases de dados e *internet*;
- saber usar essas informações e ser capaz de organizar bases de dados;
- importar, editar e certificar novos registros na realidade virtual;
- selecionar sites e acompanhar sua vida útil;
- disponibilizar e atualizar o acervo;
- recuperar informações e catalogar;
- oferecer atendimento remoto por *chat* e *e-mail*;
- oferecer capacitação à distância.

Em seguida, os respondentes foram instados a falar das dificuldades que encontravam em seu trabalho na BV por força da sua falta de atualização / informação. Assim se pronunciaram:

R1 – *(a) saber selecionar os recursos disponíveis da internet; (b) saber disponibilizar, arranjar as informações para que elas sejam mais facilmente localizadas; e (c) saber orientar os usuários no uso do que se disponibiliza eletronicamente.*

R2 - *as dificuldades são por falta de pessoal de apoio, porque falta às bibliotecas, BT ou BV, obter recursos das agências de fomentos que tradicionalmente financiam pesquisas laboratoriais, culminando em produções científicas apontadas diariamente como as mesmas; as bibliotecas não possuem editais específicos de agências de fomento no tocante ao tratamento da Informação, de modo que pudessem obter permanentes recursos financeiros, materiais e humanos, para o pronto processamento técnico de novas aquisições, isto porque falta também nos Conselhos/Comissões das agências de fomentos profissionais bibliotecários para induções e financiamentos de projetos técnico-científicos de bibliotecas.*

R3 - *não encontro, pois vou sempre atrás de atualização. No momento, me especializo em Sistemas de Informação. Mas, por outro lado, quem não busca isso, não tem a mínima condição de gerir uma BV. Executa o que lhe é ensinado, mas trabalhar no planejamento, não consegue, pois o acompanhamento da migração da tecnologia e da linguagem em torno dela, bem como dos processos de gestão, fica comprometido.*

R4 – *localizar publicações eletrônicas atualizadas e condizentes com o conteúdo do acervo digital, portanto, manter o acervo atualizado.*

R5 – não respondeu.

R6 - *nenhuma dificuldade em relação aos trabalhos de bibliotecário, muita das vezes as dificuldades são por causa do setor da informática, por falta de mão de obra especializada na metodologia da BVS, sobrecarga de trabalho para esse setor, etc.*

R7 - *alimento as bases da Bireme na versão 1.7 da LILDBI e com o DECS atualizado. Ao exportar os registros para a BVS Integralidade, percebo que esta ainda trabalha com a versão 1.6 e com o DECS desatualizado, o que me obriga a excluir campos importantes, como o de palavras-chave, por exemplo, e duplicar o trabalho de indexação.*

R8 - *o ceticismo do usuário em relação à Unidade de Informação, quando não tem sua questão respondida a contento.*

R9 - *a falta de recursos tecnológicos ou de profissionais da área de informática atendendo nossas solicitações.*

R10 - *às vezes, o programa não nos atende e não temos como argumentar por falta de dados técnicos, temos que aprender muitas vezes com os nossos próprios erros.*

R11 e R12 – não responderam.

R13 - *mantenho-me sempre muito informada e conectada, inclusive com uma nova forma de trabalhar que são as novas ferramentas de Redes Sociais: Orkut, Facebook, Twitter, etc. Por este motivo, não vejo dificuldade nas tarefas com a BV.*

R14 - *como nossa BV é o Banco de teses e a revista e somos nós quem orientamos e corrigimos não encontramos qualquer dificuldade.*

R15 - *quando surge alguma dificuldade procuro me informar e atualizar.*

R16 - *abandono do site por parte dos usuários;*

R17 - *pouca formação tecnológica. Eu, particularmente, não tenho dificuldade nos processos de arquitetura, gestão de conteúdo e conhecimento de novas ferramentas, pois estou sempre me atualizando, mas a maioria dos profissionais tem essas dificuldades.*

Este conjunto de respostas nos leva a inferir que: (a) dois profissionais não sentem qualquer dificuldade em relação às suas atividades com a BV, pois estão sempre se atualizando (R3 e R13); (b) dois sujeitos também afirmaram não ter dificuldades pessoais; o primeiro (R6) registrou que as dificuldades, quando surgem, estão atreladas à falta de apoio do setor de informática e/ou à sobrecarga de trabalho; o segundo (R14) falou que as atividades da sua BV são limitadas, resumindo-se à oferta de banco de dados relativos às dissertações/teses e à revista da instituição; (c) três profissionais situaram as

dificuldades no seu próprio conhecimento (R1; R4; e R17), estando elas vinculadas a atividades básicas no âmbito de uma BV, como: selecionar e organizar as informações em bases de dados, manter atualizadas tais bases e ter pouca formação tecnológica; (d) a maior parte dos respondentes (R2; R5; R7; R8; R9; R10; R15; R16) relacionou suas dificuldades a aspectos externos, que independem do seu conhecimento sobre BV, a saber:

- falta de pessoal para apoiar o trabalho;
- falta de apoio das agências de fomento;
- desatualização das bases de dados utilizadas que acabam por emperrar as ações dos bibliotecários;
- falta de recursos tecnológicos adequados e/ou atualizados (modelos obsoletos);
- falta de apoio do setor de informática;
- o comportamento dos usuários (inconformismo quando suas solicitações não são atendidas de imediato).

Na sétima pergunta do questionário os sujeitos tinham dar sua opinião sobre o curso realizado em Biblioteconomia, indicando se ele tinha contribuído (ou não) para torná-los um MIP. Nesta direção fizeram as considerações que se seguem.

R1 - minha graduação me transformou num bibliotecário. Eu me transformei num bibliotecário que utiliza as modernas ferramentas para organização e obtenção das informações dentro da instituição que trabalho: uma exigência natural do mundo moderno.

R2 – o curso me deu opções de ênfase ao seu final, participações ativas no colegiado da graduação visando melhorias das disciplinas, participações em seminários, encontros regionais e nacionais trocando experiências, além é claro da prática profissional em estágios, desde o meu 1º período em biblioteconomia na UFMG.

R3 - não sei bem o que é MIP, mas vou tentar responder. Sou dinossáurica, de uma época anterior ao PC. Quando me formei, há cerca de 21 anos, estudávamos cartão perfurado. Mas foi no 4º. ano do curso, no estudo do videotexto, na época sendo implantado na TELESP, que me deu o grau do avanço da tecnologia e me convenceu que eu deveria estar sempre atenda aos avanços e aos usos da tecnologia.

R4 - a graduação é apenas um ponto de partida, fiz especialização em tecnologias de informação e comunicação que ajudarão bastante. Se não fosse a graduação não teria feito a pós-graduação. Terminar uma graduação é o início de uma carreira que requer capacitação constante.

R5 – a graduação em si pouco ajudou, o que considero ter sido de grande valia para mim foi a especialização em Gestão Estratégica em Sistema de Informação.

R6 - em nada; a graduação não me ajudou a ser uma Moderna Profissional .

R7 - o curso de Biblioteconomia ofereceu-me o básico em uma época em que ainda se utilizava DOS e formulários contínuos. Foram necessários vários cursos de atualização e reciclagem para acompanhar as mudanças e os avanços da área.

R8 - em nada, o currículo era de 1980.

R9 - o curso penso que forma mais profissionais para atuarem em bibliotecas tradicionais, eletrônicas do que para virtuais. Quando me formei saí apenas com algumas noções da era tecnológica, não temos uma disciplina que nos coloque de frente com os softwares que já estão no mercado, ou como ter um senso crítico para argumentarmos se eles são bons, se nos atendem.

R10 - quando eu me formei, na década de 90, o movimento ainda era lento nas bibliotecas, pois as mesmas não possuíam recursos para acompanhar o crescimento tecnológico e as noções que a faculdade me deu não foram suficientes.

R11- não me ajudou em nada, muito pelo contrário. Em minha época de formação, a faculdade era muito precária nesse quesito tecnológico.

R12 – não respondeu

R13 - tenho apenas uma ressalva, não utilizo a palavra MODERNO, pois ela restringe muito a ação, prefiro a palavra: ATUAL. Minha graduação aconteceu em 1977, então já se passaram 32 anos. Ela foi a base de partida para o meu caminhar e como em qualquer profissão a educação continuada se faz premente para estar atualizada com os novos “modus operandi” de trabalho e as novas TIC.

R14 - sempre a graduação passa algo interessante, porém, fiz Faculdade no passado, sou formada há 30 anos e não tivemos informações sobre tecnologias. A aprendizagem foi no dia-a-dia em cursos, congressos e experiências com outros profissionais.

R15 - pela formação básica em lógica, tratamento da informação e organização do conhecimento.

R16 - a graduação colaborou com as primícias da organização, da lógica e do armazenamento, a BV é pensada como uma BT, no que tange ao seu menu.

R17 - *a minha graduação foi em 1982, não colaborou muito, mas por cursar uma boa faculdade tive oportunidade de trabalhar em instituições de ponta.*

As respostas indicam três posições distintas em relação à formação recebida. Um grupo de profissionais (R6; R8; R9; R10; R11) considerou que o curso realizado formou profissionais tradicionais e isto se explica principalmente porque eles realizaram sua formação há mais de 20 anos, quando a questão das tecnologias ainda era incipiente no âmbito das bibliotecas. Outro conjunto de respondentes visualizou sua formação como ponto de partida (R3; R4; R5; R7; R13; e R14). Fica claro nas falas desses sujeitos uma perspectiva de formação continuada, sendo o curso de graduação o 'disparador' de processos subseqüentes de atualização. E o último grupo (R1; R2; R15; R16; e R17) afirmou que seu curso de graduação contribuiu para sua formação como MIP pelos seguintes fatores: (a) riqueza das experiências vivenciadas ao longo do curso, aí se incluindo o estágio; (b) por ser uma faculdade conceituada (o que certamente deve ter contribuído para uma vivência de situações importantes); (c) pelo tipo de raciocínio que foi desenvolvido, com ênfase em processos de organização lógica e registro das informações em bases de dados, o que se aplica tanto à biblioteca tradicional como à virtual.

Em seguida (oitava pergunta), os sujeitos falaram sobre como se prepararam para atuar em BV.

R1 – *foi uma adaptação natural das tarefas diárias, guiada pela necessidade de prestar melhor serviço aos usuários.*

R2 - *por meio de treinamentos institucionais*

R3 - *seminários internacionais sobre internet e informação, seminários da nossa área, cursos de capacitação e especialização.*

R4 - *treinamentos para uso de ferramentas. Troca de informação com os colegas de trabalho.*

R5 - *através de leituras de bibliografias referentes à área.*

R6 - *foi no meu primeiro trabalho, como bolsista em uma Biblioteca que desenvolvia uma BVS; lá era oferecido treinamento, cursos para conhecermos todas as metodologias a serem utilizadas.*

R7- *além dos cursos realizados, foi necessária muita prática, sem desviar a atenção para outros tipos de serviço. O contato com os autores também foi*

fundamental para o esclarecimento de dúvidas em relação à escolha dos descritores mais apropriados aos seus textos.

R8 – não respondeu

R9 - *trabalhando muito nos mais variados tipos de biblioteca e fazendo cursos “ad hoc” e uma Especialização. O nível de exigência dos usuários também foi um impulso muito significativo.*

R10 - *como disse anteriormente aprendi muito com os nossos próprios erros, fazendo atualizações através de cursos rápidos, pois as tecnologias mudam com muita rapidez.*

R11 e R12 – não responderam.

R13 - *não houve uma preparação especial. O meu caminhar sempre me levou a “estar atendida” com as tecnologias atuais e o que o meu cliente necessitava e desta junção, “montei” a BV. Na escolha de pessoa especializada para preencher tal cargo, me chamaram para concorrer com outros profissionais e fui escolhida pelas melhores características. Isso ocorreu em 1997, quando atuava em biblioteca de uma grande universidade. .*

R14 - *fazendo uma especialização em Gerenciamento da Informação Digital, cursos na Bireme.*

R15 - *fui participando de cursos e eventos, lendo e trocando idéias com colegas.*

R16 - *através da prática aliada a estudo de artigos em biblioteconomia e ciência da informação.*

R17 - *trabalhando em instituições de ponta, com muito treinamento em serviço, fazendo pós-graduação (mestrado e com doutorado em andamento), estudando muito e ministrando aulas (o que colabora para aprendizagem e troca de conhecimento).*

Os registros nessas respostas nos levam a perceber que: (a) a grande maioria dos respondentes (R2; R3; R4; R6; R7; R8; R9; R10; R14; R15 e R17) se valeu de cursos que vão desde aqueles rápidos aos *stricto-sensu* (mestrado / doutorado), passando por treinamentos e especializações, para se atualizar e atuar em BV; (b) outros, além dos cursos, participaram de eventos como seminários e encontros (R3; R15); (c) três (R5; R15; R16) citaram o estudo / leitura de textos com conteúdos relacionados às atividades em BV; (d) dois situaram a troca de experiências (R4 e R15); (e) apenas um (R17) considerou a atividade docente como oportunidade de preparação para atuar neste tipo de

biblioteca; e (f) poucos apontaram a própria prática como elemento básico de sua preparação (R1; R13; R16);

Em resumo, constatamos: (três - 17%) se valeram apenas de sua própria prática para se apropriar dos conhecimentos necessários à atuação em BV. O grupo mais significativo (onze – 65%) buscou participar de cursos na perspectiva de formação continuada; entre esses sujeitos se destacam: R3 que também participou de eventos (como seminários, encontros); R4 que, além dos cursos, situou a troca de experiências com colegas; e R15 que se utilizou de várias estratégias de aperfeiçoamento: cursos, eventos, leitura de textos (estudo individualizado) e troca de experiências. As leituras de textos também foram de utilidade para R16 na medida em que situou sua prática como principal fonte de conhecimento para seu aperfeiçoamento.

Cabe registrar que dessas respostas podemos inferir que os cursos/treinamentos foram realizados por esforço próprio. Não há nas falas considerações que sinalizem o recebimento de apoio financeiro para atualização.

A nona pergunta visava saber como vinha sendo feita a formação continuada do(s) bibliotecário(s) na BV onde esses sujeitos atuavam. Que tipo de incentivo a instituição oferecia. Assim se pronunciaram:

R1 - um processo gradual com treinamento para o uso de ferramentas que permitem disponibilizar novos serviços, cursos de especialização, etc.

R2 - recapitulação de treinamentos da metodologia LILACs da Bireme, o LILDBI Web.

R3 - de forma pessoal, não há uma política específica. Quem quer, procura se capacitar por fora.

R4 - capacitações na área, criação da comunidade dos profissionais de informações, comunidade virtual criada para facilitar o intercâmbio e troca de informações pelos profissionais envolvidos no projeto da biblioteca on line da instituição.

R5 – não respondeu.

R6 - a formação é feita por cursos, treinamentos, especializações.

R7- *sempre que chega um novo bibliotecário, ele vai para a Bireme fazer o curso da Metodologia Lilacs. A leitura dos textos sugeridos pela Bireme e a participação em eventos também fazem parte desse processo. Neste ano, um de nossos bibliotecários fará o curso de especialização em informação para a saúde.*

R8 - *através do trabalho e participação em eventos do gênero.*

R9 - *eles nos liberam para fazer alguns cursos, às vezes compensamos o tempo que ficamos fora, mas é difícil conseguir cursos que caibam no nosso bolso.*

R10 - *como somos poucos trabalhando na biblioteca, não conseguimos muito tempo para atualizações, portanto temos que procurar cursos que sejam compatíveis com nosso horário de trabalho. Trocamos muitas informações com outros profissionais da área, com professores e se o curso não for gratuito temos que utilizar recursos próprios para atualização, mas existe uma proposta da instituição de fazer mais investimentos no seu quadro.*

R11 e R12 – não responderam.

R13 - *todos os integrantes da equipe BV vieram da situação de estagiário e depois de formados são contratados. Então, acontece uma formação natural do “modus operandi”. Por outro lado é muito incentivada a participação da equipe em cursos, palestras, congressos, enfim, em todos os eventos que possam colaborar para a educação continuada.*

R14 - *sempre que a Bireme oferece cursos gratuitos envio um profissional.*

R15 - *participação em cursos e eventos.*

R16 – *através de cursos livres na área de HTML e imagens.*

R17 - *a instituição possibilita o acesso a cursos conforme sua necessidade.*

As respostas evidenciam que a realização de cursos (treinamentos, capacitações, especializações) constitui a estratégia preferida pelas instituições para incentivar os profissionais a aprofundarem seus conhecimentos na área de BV. Ela foi citada por 12 sujeitos (70%). Cabe destacar que dois desses (R10 e R14) falaram em cursos gratuitos, o que sugere a pouca disposição da instituição de investir em seus profissionais. Participação em eventos da área também aparece como outra estratégia utilizada; no entanto, apenas quatro sujeitos (R7; R8; R13; R15 - 23%) a ela se referiram, Uma sugestão interessante foi dada por R4, ao mencionar a criação de uma comunidade virtual, onde os profissionais trocam informações sobre suas experiências.

Percebemos nessas falas, com apoio daquelas que enfatizam os cursos gratuitos e o esforço pessoal do bibliotecário, que as instituições incentivam, até liberando de carga horária, mas sem compromisso com o investimento financeiro.

Em seguida (décima pergunta), indagamos aos profissionais se a instituição onde trabalhava lhe estimulava a atualizar seus conhecimentos e que tipo de incentivo oferecia. As respostas foram as que se seguem.

R1- *sim, cursos de atualização, extensão e especialização.*

R2 – *sim, está no seu plano de objetivos e metas.*

R3 – *sim, me libera quando solicito, apesar de não pagar pela capacitação. Oferecem passagens e, diárias, algumas vezes, mas não pagam meus cursos, nem de capacitação, nem de pós-graduação. E não oferecem cursos de capacitação específicos na nossa área. O máximo que se obtém na capacitação da instituição são os cursos básicos de informática (word, excell, etc.), não chegando nem a oferecer cursos de governança de TI (segurança dos dados e dos sistemas, armazenagem, entendimento dos programas que se utiliza em bases de dados e nos repositórios).*

R4 – *sim. Capacitação.*

R5 – *não.*

R6 – *sim, sempre que possível, são pagos treinamentos, idas a eventos científicos.*

R7 – *sim, me dá total liberdade para realizar o meu trabalho e resolver os problemas ligados à BV diretamente com a Bireme e apóia financeiramente a participação nos cursos e eventos mencionados acima. Só não ajuda no fato de não disponibilizar um servidor próprio para que eu possa alimentar as bases da Bireme online. Uso uma base offline e exporto os registros. Também me possibilita realizar o trabalho em casa quando necessário.*

R8 – *sim, apóia a realização de cursos (pagou 80% do valor da Especialização em Marketing Estratégico em Unidades de Informação) e viagens de treinamento a Brasília.*

R9 - *não, nenhum incentivo financeiro apenas libera para irmos fazer o curso no horário do serviço, contanto que depois o certificado de conclusão, ou participação seja entregue.*

R10 - *apenas para os cursos gratuitos.*

R11- *nenhum incentivo.*

R12 – *não respondeu.*

R13 – *sim, me permite fazer cursos, participar de eventos ligados à área e realizar o Mestrado.*

R14 – *não, pago os cursos do meu salário.*

R15 – *sim, oferece cursos gratuitos.*

R16 – *sim, paga a qualificação em cursos livres.*

R17 – *sim, possibilidade de fazer pós-graduação.*

As respostas nos levaram às seguintes constatações: (a) quatro sujeitos (R5; R9; R11; R14 - 23%) disseram que não recebiam qualquer tipo de incentivo; (b) dois (R3 e R13 - 12%) registraram que suas instituições permitem fazer os cursos / treinamentos desde que não tenham gastos; (c) outros dois falaram que as instituições facilitam a realização de cursos gratuitos (R10 e R15), o que também significa não ter que investir financeiramente); (d) um sujeito (R2) afirmou que está nos planos da instituição, portanto trata-se de uma possibilidade futura; (e) cinco (R1; R4; R6; R16; e R17 – 29%) admitiram que suas instituições apóiam a realização de cursos / treinamento e a participação em eventos, mas não explicitaram se com apoio financeiro ou não; e (f) apenas dois (R7 e R8) afirmaram o apoio à participação com ajuda financeira.

Esses dados sugerem que apenas nos casos de R7 e R8 se verifica uma política concreta de incentivo à formação continuada. Nas demais situações evidenciam-se que a instituição ou não tem interesse em apoiar, ou faz isto sem se envolver muito, deixando aos bibliotecários a responsabilidade de escolher os cursos, treinamentos e eventos e, na maioria das vezes, e de arcar, também, com as despesas.

Na última pergunta (décima primeira), solicitamos aos sujeitos que dissessem se tinham contato com profissionais recém formados e o que achavam que a atual formação do bibliotecário permitia considerá-lo um MIP? Pedimos, também, que justificassem a resposta dada.

Quase todos os sujeitos (menos R11) afirmaram que tinham contato com bibliotecários recém formados e sobre a formação recebida, 13 respondentes assim se manifestaram:

R1 - acho que eles têm saído da universidade com boa formação; porém, para novas tecnologias não. É preciso enfatizar que alguns conhecimentos importantes para o MIP também podem ser adquiridos fora da universidade.

R2 – sim. Modernos Profissionais da Informação das escolas de biblioteconomia têm apresentado diferenciados softwares de gestão da informação ,como por exemplo o Green Stone (www.greenstone.org).

R3 – Não. É o mesmo problema que tive em minha época de graduação. Não tem como você sair desse curso como profissional da informação atual, sem ter em mente que você é quem determina o grau de evolução de seus serviços. Aprender a conhecer a realidade não é suficiente, pois a realidade o coloca numa camisa de forças e você se submete ao conservadorismo. A autonomia de trabalho e a busca de auto-estima profissional devem ser incentivadas, também, nos cursos. Isso aconteceria com o incentivo da formação continuada. Mas, para se ter uma idéia, tenho 1 única amiga formada em nossa turma. Do restante, cerca de 20 profissionais, só conheço o paradeiro de mais 03. E nunca as vejo nos encontros da área.

R4 – pode ser que sim, depende da formação que recebeu e do empenho do formando.

R5 – em parte, pois muitas vezes os professores da graduação se preocupam apenas em questões técnicas.

R6 – considero que seja um MIP, não pela formação na universidade, mas sim pela experiência adquirida em estágios e pela própria tendência do profissional, que busca ser dinâmico, participativo e interage com o usuário, procurando conhecer as novas tecnologias.

R7 – não; os cursos de Biblioteconomia que conheço ainda estão longe de formar um profissional apto a indexar. Não possuem laboratórios de informática apropriados nem docentes capacitados nas bases das bibliotecas virtuais em saúde. Apenas os estagiários que conseguem um estágio em bibliotecas que integram as BV e têm a oportunidade de ter um supervisor que ensine os serviços estão aptos. Para ir além, é necessário investir em educação continuada e no hábito de leitura.

R8 – não; só se pode considerar um MIP aquele profissional que tem, no mínimo, três anos de trabalho duro na área.

R9 – não sei julgar.

R10 – *o meu contato é tão pouco que seria difícil dizer como eles estão atuando, mas percebo que diferentemente do meu tempo eles estão mais atentos.*

R11 e R12 – não responderam

R13 – *não; nenhuma profissão atende bem; em nenhuma profissão a pessoa já sai pronta para atuar. Depende muito da maneira como ela toma as rédeas de sua vida, tanto pessoal, como profissional. A atual formação do Bibliotecário, não é um caso único de má ou boa formação!!! A educação brasileira, de uma maneira geral, não tem a preocupação em formar cidadãos conectados com o cenário em que irá atuar. Não existe uma política pública nacional de educação realmente atuante neste sentido. Para isso devemos praticar a voz e a ação e mudar este estado de coisas.*

R14 – não respondeu

R15 – *se o aluno recebeu uma boa base sobre comunicação e informação na escola, o trabalho vai demandar atualizações e o desenvolvimento vai ocorrendo se a pessoa for interessada e esforçada.*

R16 – *não, porque poucos são os que possuem experiência em estágios com utilização das tecnologias. Esses profissionais se tornam obsoletos assim que entram no mercado de trabalho.*

R17 – *sim; sou docente de graduação e pós-graduação e sinto alguns alunos e recém-formados preparados para este desenvolvimento. Todos fazem o mesmo curso, mas alguns saem mais preparados que os outros. Para esta atividade é preciso ter interesse em desenvolver conhecimentos específicos. Muitos destes conhecimentos já são discutidos nas disciplinas do currículo, mas algum destes conhecimentos não se aprende na graduação, e talvez nem na pós-graduação, acho que os cursos dão as ferramentas para o aluno compreender as possibilidades dos sistemas de organização do conhecimento e então buscar o que precisam para o desenvolvimento destes sistemas.*

Essas respostas nos permitem fazer algumas deduções a partir da configuração de quatro grupos de respondentes, a saber: (a) os que não se pronunciaram ou porque não tinham contato com bibliotecários recém formados (R11) ou por que não se consideraram capazes de fazer uma apreciação sobre o problema proposto (R9; R12; R14). Foram ao todo quatro sujeitos, ou seja, 23% do total de sujeitos da pesquisa; (b) entre os que se pronunciaram, encontramos um grupo mais significativo, composto de sete profissionais (R1; R2; R4; R6; R10; R15; e R17 – 41%), que considerou as atuais formações satisfatórias pelos

seguintes aspectos: → muitas universidades não oferecem a capacitação necessária para o trabalho com as tecnologias; no entanto, ensinam a lógica necessária aos processos de seleção, organização, atualização, depuração, divulgação dos dados, o que constitui a base das atividades desse profissional. Isto significa que a 'expertise' no trato com as TIC pode ser obtida *a posteriori*, em cursos de atualização; → o MIP não precisa apenas saber lidar com as tecnologias digitais, ele tem, necessariamente, que saber interagir com o usuário, ser dinâmico, participativo, entre outras qualidades, o que implica vivência prática intensa. Cabe destacar que um dos respondentes destacou que vê uma nítida diferença – eles estão *mais atentos*. Em última instância, parece que a resposta de R17 neste grupo de sujeitos está a dizer que: a formação depende da qualidade do curso e da qualidade do aluno; (c) um sujeito (R5) considerou a formação parcial, pois na maioria das vezes a preocupação está nos aspectos teóricos; e, finalmente, (d) um grupo de cinco profissionais (R3; R7; R8; R13; R16 – 29%) afirmou que a formação dada atualmente não atende às necessidades de um MIP, pois: os problemas continuam os mesmos, os profissionais não saem completos e precisam ter em mente que o esforço de profissionalização será contínuo; os cursos de biblioteconomia continuam sem ter laboratórios de informática e professores atualizados em BV; estágios realmente supervisionados realizados em BV, o que exige continuar a estudar após a conclusão a graduação; para se tornar um MIP é preciso muita experiência (pelo menos três anos); são poucas as instituições que investem na qualidade do estágio supervisionado.

Em todas as respostas, tanto as que defendem quanto as que negam a consistência da formação oferecida atualmente em termos de preparação do MIP, percebemos uma ênfase na incompletude dos cursos de Biblioteconomia (não podem abarcar tudo) e a indicação de que se torna fundamental o profissional estar sempre em processo de formação continuada.

4.2 AS REPOSTAS DOS RECÉM FORMADOS EM BIBLIOTECONOMIA

Para não ficarmos apenas com a visão dos profissionais que já estão atuando há algum tempo, buscamos, também, ouvir os recém formados. Obtivemos a relação dos que colaram grau em 2008, alunos de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro. Dos vinte formandos, apenas cinco (25%)

responderam ao nosso questionário. Do estado de Minas Gerais só obtivemos a resposta de uma recém formada. Assim, passamos a contar com seis respondentes, os do Rio de Janeiro indicados pela alfa-numeração R1 a R5; e o de Minas Gerais como R6. A seguir apresentamos suas respostas sobre nossas questões de estudo.

A primeira pergunta visava saber se dentre as disciplinas oferecidas no curso de Biblioteconomia havia alguma (ou algumas) que possuíam estreita relação com a preparação para o trabalho em BV? Assim se manifestaram:

R1 - *Administração de Bibliotecas, Automação de Bibliotecas e Fontes de Informação.*

R2 – *as disciplinas que tiveram alguma relação com BV foram “Teoria e prática de serviços de referência” e “Administração de Bibliotecas”.*

R3 – *no curso de Biblioteconomia da minha universidade (currículo antigo) não existe uma disciplina especificamente voltada para as BV, mas o assunto é abordado em outras disciplinas como Bibliografia e Administração de Bibliotecas II e III.*

R4 – *bem, pelo que me lembro nenhuma. Algumas professoras, que são 87 especialistas nesta área, nos deram uma base bem superficial sobre a BV.*

R5 – *a disciplina Gestão de Bibliotecas II que aborda conteúdos relativos à utilização das novas tecnologias (tais como: Internet, Web. 2.0, etc.) em bibliotecas, mencionando detalhes sobre as Bibliotecas Virtuais. As disciplinas Bibliografia e Fontes de Informação 2, também abordam esse assunto.*

R6 - *a disciplina Bibliotecas Digitais, pois nela aprendemos como construir uma BV. No curso ainda foram oferecidas disciplinas na forma de seminários optativos que ensinavam aos seus alunos como montar e alimentar uma BV.*

Essas respostas nos levam a perceber que Administração de Biblioteca foi a mais citada como disciplinas que trata da questão BV (R1; R2; R3). Fontes de Informação também foi mencionada por dois alunos (R1 e R5). Na maior parte das respostas (de R1 a R5, portanto em todas as respostas dos recém formados do Rio de Janeiro) ficou evidente que não existe uma disciplina dirigida exclusivamente a esta questão. Somente em R6 (ex-aluna de universidade de Minas Gerais) encontramos a disciplina Bibliotecas Digitais.

Em seguida, os recém formados foram convidados a dizer se consideravam (ou não) essas disciplinas suficientes para tornar o aluno apto a enfrentar atividades com as TIC em BV. Foi pedido, ainda, que justificassem sua resposta, ao que responderam:

R1 – *não, porque as disciplinas não são especificamente voltadas para BV, apenas abordam o assunto em algum momento, acredito que na realidade atual da sociedade, onde tudo caminha para o virtual, seria extremamente importante se houvesse uma disciplina somente para atender a esta demanda.*

R2 – *não, acho que deveriam ter abordado mais o tema.*

R3 – *sim, porque a abordagem das disciplinas dá base teórica a respeito das TIC e das ferramentas utilizadas nas BV.*

R4 – *não, na disciplina Automação de Bibliotecas tivemos um professor que trabalhou alguma coisa de biblioteca virtual, mas tudo bem superficial e duas disciplinas trataram do assunto, mas nenhuma aprofundou esta questão.*

R5 – *sim, são suficientes na medida em que o aluno agregue os conhecimentos teóricos das disciplinas com a experiência prática de lidar com esse assunto em estágios, empregos na área de documentação virtual, etc.*

R6 – *não, na disciplina Bibliotecas Virtuais, tivemos um professor que enrolou e não cumpriu o programa, obtive o conhecimento quem correu atrás dele, visto que o professor colocou alunos para apresentar seminários sobre os softwares mais utilizados. No seminário, o período é muito pequeno (uma semana) e foi visto apenas uma das opções existentes.*

Os registros desses sujeitos nos levam a concluir que eles se dividem em dois grupos: de um lado encontramos a maior parte deles (R1; R2; R4; R6), considerando as disciplinas insuficientes em termos de preparar o MIP, uma vez que não têm a BV como foco específico; elas abordam este tema de forma transversal; de outro, ficam dois respondentes (R3 e R5), admitindo que a base teórica oferecida possibilita a transferência / aplicação dos conhecimentos na realidade BV. O primeiro grupo entende que o fato de não ter disciplinas voltadas para esta problemática faz com que sua abordagem seja superficial e incompleta. Um dos sujeitos que considerou os conteúdos suficientes faz, no entanto, a ressalva da necessidade do aluno procurar situações práticas, como estágios, para poder ampliar os conhecimentos. Cabe ressaltar que na única resposta em

que encontramos a indicação de disciplina voltada para BV (R6), verificamos que houve problemas de ensino-aprendizagem.

Continuando, na terceira pergunta, os recém formados foram convidados a indicar as atividades extracurriculares (curso de extensão; visitas programadas a BV; participação em seminários, congressos, eventos) que haviam realizado, ao longo do curso, para aprofundar seus conhecimentos sobre as BV. Para os que não realizaram essas atividades, pedimos que justificassem tal impedimento. As respostas estão a seguir.

R1 – *sim, participei de seminários, congressos, além de fazer uma visita a uma biblioteca virtual para satisfazer a minha curiosidade.*

R2 – *não.*

R3 – *não realizei atividades extracurriculares por falta de tempo e dinheiro.*

R4 – *não, sempre trabalhei durante o curso, o que impossibilitava a participação em eventos externos e/ou em horários diferentes da faculdade.*

R5 – *não tinha tempo nem dinheiro para investir em atividades extracurriculares*

R6 – *não, sempre trabalhei durante o curso, o que impossibilitava a participação em eventos externos e/ou em horários diferentes da faculdade.*

Por essas respostas ficou nítido que quase todos os sujeitos (5 – 83%) não puderam realizar atividades extracurriculares, fosse por falta de tempo em função de trabalho realizado juntamente ao curso, ou por falta de condições financeiras. Apenas um (R1) disse ter realizado essas atividades e visitado uma BV, mas em sua fala fica nítido que suas decisões partiram de seu próprio interesse / motivação.

Na pergunta 4, indagamos se eles tinham tido a oportunidade de estagiar em alguma BV durante o curso. Pedimos àqueles que não tiveram esta oportunidade para indicarem os motivos. Assim se manifestaram:

R1 – *não, as oportunidades que apareciam eram muito longe e por isso as instituições preferiam ficar com alunos que moravam mais perto do local de estágio.*

R2 – *não, faltam de estágios dessa natureza.*

R3 – *não, por falta de oportunidade.*

R4 – *não, quando realizei estágios, todos foram em bibliotecas físicas, uma delas até oferece alguns materiais on-line para seus usuários, podendo portanto ser classificada como uma biblioteca mista.*

R5 – *não, durante minha graduação não fiquei sabendo de nenhum estágio em bibliotecas virtuais.*

R6 – *não, todos os estágios que realizei foram em bibliotecas físicas.*

Como podemos observar, nenhum dos respondentes fez estágio em biblioteca deste tipo; tal evidência nos permite inferir uma despreocupação com a formação do MIP e a expansão da realidade virtual na sociedade em geral e, em particular, na área da biblioteconomia. A fala de R1 é significativa no sentido de sugerir restrições a alunos que morem longe das oportunidades de estágio, apontando a existência de sutis mecanismos de exclusão de alunos de possibilidades extracurriculares de aprendizagem. Já R2, R3 e R5 falam da falta de oportunidade de estágios dessa natureza, dando a entender que quando aparecem se localizam em instituições tradicionais.

Na quinta indagação, o objetivo era saber se sua instituição de ensino oferecia alguma pós-graduação nessa área com vistas a proporcionar formação continuada dos profissionais de Biblioteconomia. Encontramos as seguintes respostas:

R1 e R2 – *desconheço.*

R3 – *sim, ela possui mestrado em Ciência da Informação com várias linhas de pesquisa.*

R4 – *desconheço*

R5 – *sim, oferece Mestrado em Ciência da Informação, dependendo da linha de pesquisa do aluno ele terá oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos em Bibliotecas Virtuais.*

R6 – *sim, oferece cursos de pós-graduação em arquitetura de informação, um outro que não me lembro o tópico e ainda normalização a distância.*

As respostas sugerem o desconhecimento do aluno (recém-formado, no caso: R1; R2; e R4) às possibilidades que sua universidade apresentava em termos de formação continuada. Elas também indicam que as duas universidades às quais esses respondentes se vinculam (R1 a R5 – uma universidade federal no estado do Rio de Janeiro; e R6 – outra universidade federal, porém no estado de Minas Gerais), buscam focalizar a problemática das BV em cursos de pós-graduação. Talvez seja esta a tendência da formação neste campo.

A sexta e última pergunta buscava saber se enquanto aluno tinham tido orientação/incentivo da instituição/professores (ou órgãos de classe) para se aprofundar no domínio das TIC, de modo que pudesse enfrentar melhor os desafios do mercado de trabalho. Os sujeitos assim se pronunciaram:

R1 – *sim, pelos professores das disciplinas mencionadas na primeira questão.*

R2 – *não.*

R3 – *sim, pelos professores.*

R4 – *não*

R5 – *sim, pelos professores.*

R6 – *sim, pelo professor de ontologias, pela professora de softwares de bibliotecas e outros professores que já conseguiam antever a necessidade desse domínio para a inserção no mercado de trabalho.*

Os registros evidenciam que os professores são a peça fundamental da estimulação / orientação dos alunos sobre a necessidade de tornar-se conhecedor das potencialidades das TIC no âmbito da Biblioteconomia. Não há qualquer fala no sentido de um programa da instituição dirigido à divulgação de seus cursos e atividades que se enquadram na dimensão de formação continuada.

Os resultados aqui apresentados nos permitem perceber dificuldades e conquistas no campo da formação de profissionais para atuarem em BV – o Moderno Profissional da Informação – MIP, a partir de falas de profissionais com experiência e de recém formados.

No próximo capítulo integramos essas respostas em um todo conclusivo, buscando relacioná-las tanto no contexto da mesma categoria – bibliotecário experiente / recém-formado - como entre ambas as categorias. Nesta integração voltamos às nossas questões de estudo e à revisão de literatura, para estabelecer em que medida os resultados obtidos em campo (com os questionários) diferem ou se aproximam do que os teóricos aqui destacados afirmam.

5. A PRECARIIDADE DA FORMAÇÃO DO MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DO ENSINO DE GRADUAÇÃO: UMA CONCLUSÃO A APROFUNDAR

No primeiro capítulo deste relatório, formulamos três questões de estudo para serem respondidas com os dados coletados em campo e pensadas à luz das considerações teóricas apresentadas no capítulo três.

Tivemos a colaboração de 23 sujeitos, a saber: 17 profissionais com experiência na atividade de bibliotecário e seis recém formados, que responderam a questionários encaminhados via correio eletrônico. Os 17 bibliotecários atuavam em bibliotecas que se apresentavam, em *site* especializado, como possuidoras de BV, o que, de início, nos animou em relação a uma coleta significativa de dados. Os recém formados não tinham experiência de trabalho em BV, mas deles o que interessava recolher eram dados sobre o conhecimento oferecido ao longo de seu curso de graduação sobre este tipo de biblioteca.

Nossa primeira questão de estudo visava saber como os cursos de formação de bibliotecários vêm preparando esse profissional para trabalhar em bibliotecas virtuais. Separamos as respostas em dois grupos: as dos bibliotecários experientes e as dos novatos.

Apenas 41% dos profissionais experientes consideraram satisfatória a formação oferecida e justificaram a posição assumida: de um modo geral, as universidades não oferecem a capacitação necessária para o trabalho com as tecnologias; no entanto, ensinam a lógica necessária aos processos de seleção, organização, atualização, depuração, armazenamento, divulgação dos dados, o que constitui a base das atividades desse profissional. O conhecimento prático vem depois com a experiência profissional e a realização de cursos de atualização. Saliaram que o MIP precisa ir além do saber lidar com as tecnologias digitais; ele tem, necessariamente, que saber interagir com o usuário, ser dinâmico, participativo, entre outras qualidades, o que implica vivência prática intensa. Portanto, para esse grupo de sujeitos, a base teórica deve ser sólida de modo a garantir o domínio e a versatilidade dos processos lógicos de tratamento da informação. Um deles salientou que é da interação qualidade do curso – qualidade do aluno que se tem o profissional competente.

Em contrapartida, 29% desses profissionais afirmam que a formação não atende às necessidades de um MIP, tendo em vistas problemas como: falta de laboratórios de informática destinados especificamente ao curso, estágios supervisionados realizados apenas em bibliotecas tradicionais, falta de professores atualizados em BV, conteúdos incompletos. Consideraram que são poucas as instituições que investem na qualidade do estágio.

Além do grupo que não se manifestou sobre esta formação (23%), ainda encontramos um sujeito (7%) que a considerou parcial, na medida em que os formadores enfatizam os aspectos teóricos dos conteúdos, deixando de lado a questão de sua aplicação prática.

Percebemos nas falas de todos esses sujeitos, tanto nas que defendem quanto nas que negam a consistência da formação oferecida, uma sensação de incompletude dos cursos de Biblioteconomia (não podem abarcar tudo), expressa como algo inerente a este nível de ensino, o que os levou a se colocarem a favor de processos de formação continuada.

A maioria desses profissionais experientes (65%) tem se valido de cursos de atualização (desde os mais rápidos até a pós-graduação *stricto-sensu* – mestrado) para obter conhecimentos que lhes permitam atuar em BV. Isto ocorre por que a maioria realizou sua graduação há muitos anos atrás. Outras formas de atualização para o trabalho em BV, utilizadas por esses profissionais, foram: participações em eventos; estudo / leitura de textos específicos, troca de experiências entre colegas de trabalho.

Podemos, então, concluir que os bibliotecários experientes tanto apresentam críticas à formação recebida como à oferecida na atualidade.

Para os recém formados, os cursos realizados também possuem lacunas. Os que se vinculavam à universidade localizada no estado do Rio de Janeiro indicaram que não havia uma disciplina voltada especificamente para o tema BV; já o respondente que realizou seu curso em Minas Gerais disse que, apesar de ter tido esta disciplina em seu currículo, teve problemas de ordem didática. De qualquer forma, a maior parte desses respondentes considerou as disciplinas insuficientes em termos de preparar o MIP, uma vez que não têm a BV como foco específico; elas abordam a questão de forma transversal, o que torna o conteúdo superficial, incompleto e fragmentado. Ficou também registrada a ênfase em

conteúdos teóricos em detrimento de experiências práticas, ou seja, a falta de situações concretas para aplicação da teoria.

Quanto à realização do estágio supervisionado, componente curricular indispensável na formação de um profissional, verificamos que nenhum respondente teve esta atividade orientada para BV. Tal constatação nos permite inferir uma despreocupação com a formação do MIP e a expansão da realidade virtual na sociedade em geral e, em particular, na área da biblioteconomia. Os registros desses sujeitos ainda sugerem a existência de sutis mecanismos de exclusão dos alunos das propostas de estágio feitas por instituições que possuem este tipo de serviço. Além desses problemas, os recém formados destacaram a falta de oportunidades de estágio, especialmente em BV.

Pode-se, pois, concluir que os cursos desses respondentes ainda privilegiam a formação do bibliotecário tradicional, oferecendo uma visão superficial da problemática BV; conseqüentemente prejudicam a formação do MIP.

A segunda questão desta pesquisa se dirigiu às dificuldades deste profissional em seu trabalho. Aqui consideramos apenas as respostas dos profissionais experientes, o que nos levou a perceber três ordens de problemas, a saber: (a) nascimento da BV no bojo de uma biblioteca tradicional – ainda que esta origem seja a mais comum, ela produz efeitos diversos, entre os quais se destaca a transposição da lógica da administração da biblioteca tradicional para a BV. A migração lenta de um modelo para outro dificulta a expressão das potencialidades da BV. Daí ter sido enfatizada a necessidade da BV nascer de um projeto próprio, com *softwares* específicos de gestão que dêem conta da adequada utilização das tecnologias digitais de ponta no tratamento das informações. Ficou clara, também, a interferência negativa de profissionais muito especializados na gestão da biblioteca tradicional que, ao se inserirem em BV, comprometem a viabilização de propostas que têm outra natureza, por serem essencialmente virtuais. Nesses contextos as resistências acabam aparecendo e prejudicando as inovações; (b) o processo de gestão da biblioteca – os problemas levantados referem-se a: falta de apoio do setor de informática; quantitativo insuficiente de pessoal de apoio (poucos funcionários para a quantidade de tarefas); desatualização das bases de dados, o que acaba por emperrar as ações dos bibliotecários; recursos tecnológicos obsoletos; sobrecarga de trabalho para o bibliotecário; falta de apoio das agências de fomento; usuários muito exigentes,

que não compreendem as dificuldades da biblioteca e de seus profissionais; (c) o corpo de conhecimentos do próprio bibliotecário – que, na maioria das vezes, não dá conta de todas as possibilidades que uma BV pode oferecer. Este conhecimento, fruto de uma formação realizada há vários anos e questionável, também, em termos de sua qualidade, passa a exigir desse profissional esforço contínuo de estudo / aperfeiçoamento. No entanto, não são todos que se lançam em cursos ou eventos de reciclagem; muitos se limitam a ler (leituras escolhidas por conta própria ou por sugestão de algum colega) ou a trocar experiências em conversas informais com companheiros de trabalho. Tais opções redundam em saber fragmentado, desconectado de um projeto específico de BV.

Cabe destacar que encontramos um grupo significativo de profissionais experientes (4 – 23%) afirmando que não sentiam qualquer dificuldade em relação ao seu trabalho; buscamos, então, verificar os motivos dessa segurança. Três deles disseram que constantemente participavam de cursos e eventos na área, mas um deles registrou que a prática cotidiana lhe dava os ensinamentos necessários para enfrentar os desafios da BV. Tais posições nos levam a inferir a existências de processos pouco comprometidos com o saber-fazer. Não há prática que não tenha dificuldades, que não enfrente desafios; basta apenas refletir criticamente sobre ela.

Para complementar nossas inferências a respeito das dificuldades de trabalho do bibliotecário, julgamos interessante considerar o que os recém formados disseram em termos de realização de estágios. Os problemas que passaram como alunos acabam se refletindo na prática profissional. Como já destacamos anteriormente, eles não conseguiram estagiar em BV; também não tiveram atividades extracurriculares que os levassem a conhecer melhor este tipo de biblioteca. Afirmaram, ainda, que não tinham tempo para outras atividades fora do horário das aulas por que trabalhavam. É provável que essas limitações contribuam para uma visão simplificada do que seja uma BV e acabem levando o profissional a *não ver dificuldades no seu trabalho* ou a *ver as dificuldades fora de si*, ou seja, as dificuldades passam a se situar nas tecnologias, na falta de apoio financeiro ou de pessoal, no usuário.

A última questão de nosso estudo procurou saber que caminhos esses profissionais utilizam para manter sua formação atualizada.

A participação em cursos (treinamentos, capacitações, especializações) constitui a estratégia principal utilizada por esses profissionais e estimulada por suas instituições para o aprofundamento dos conhecimentos na área de BV. Um grupo significativo dos profissionais com experiência (70%) afirmou lançar mão deste instrumento. No entanto, nas falas desses sujeitos surgiu um destaque a cursos gratuitos, no sentido de que eram valorizados por que o investimento se tornava menor. Aqui fica uma pergunta sobre a relevância desses cursos. Não estamos afirmando que não tenham qualidade, mas sabemos que muitos deles são de curta duração e pouco acrescentam aos conhecimentos do participante. Este fato sinaliza limitações nos processos de formação continuada. A participação em eventos da área também aparece como outra estratégia utilizada. Cabe registrar uma prática que começa a aparecer: a criação de comunidades virtuais onde os profissionais trocam informações sobre suas experiências.

As respostas oferecidas ainda nos permitiram perceber que o apoio dado pelas instituições aos profissionais para se especializarem refere-se basicamente à liberação de carga horária; o compromisso com os custos é bem mais difícil. Somente nas respostas de dois respondentes (12%) observamos indícios de que suas instituições buscavam realizar uma política de incentivo à formação continuada. Na maioria das falas ficou evidente que cabe aos bibliotecários a responsabilidade de escolher os cursos, treinamentos e eventos e, na maioria das vezes, arcar com as despesas.

As dificuldades em relação ao aperfeiçoamento profissional não estão apenas no nível da profissão; os recém formados também revelaram um desconhecimento das possibilidades que sua própria universidade oferecia em termos de formação continuada. A maior parte deles nem sabia que sua instituição tinha mestrado nesta área. Os professores foram destacados como os estimuladores de estudos continuados.

Ainda que nossas questões de estudo não estivessem interessadas em identificar as atividades desenvolvidas por um MIP, não podemos deixar de registrar aqui a visão desses sujeitos sobre as mesmas. As perguntas dos questionários que buscavam saber: (a) se eles sabiam quais eram os serviços que caracterizavam uma biblioteca virtual; (b) quais eram as atividades específicas de uma biblioteca tradicional que permanecem na BV; e (c) quais as atividades básicas que o Moderno Profissional da Informação (MIP) realiza em

uma BV (todas já depuradas no capítulo quatro), oferecem uma série de pistas que podem ser aprofundadas. Delas pode-se extrair, por exemplo, um rol de atividades práticas conduzidas por bibliotecários em BV, para ser analisado nos cursos de formação à luz da teoria e das possibilidades dos recursos digitais. Foi importante apresentar essas perguntas aos profissionais para que pudessemos ter uma idéia de sua experiência com BV e, assim, compreender melhor suas respostas às perguntas do questionário que estavam diretamente relacionadas às questões de pesquisa.

A conclusão dessa pesquisa se dá no confronto entre nossa abordagem teórica e os achados anteriormente apresentados.

Na literatura verificamos que o MIP se destaca como um especialista na busca seletiva da informação, sendo capaz de enfrentar o desafio da avassaladora disseminação de dados, o que vai exigir, de pronto, o domínio das tecnologias de informação e comunicação (TARAPANOFF, 1999). Este autor considera fundamental que todos os profissionais da informação, em especial os bibliotecários, sejam alfabetizados digitalmente para que possam atuar como multiplicadores na sociedade da informação.

Já Amaral (1998) vê esse profissional como um agente de mudança, o que vai exigir dele a capacidade de gerenciar os recursos informacionais. Portanto, a visão que emerge entre os autores estudados é a de um gestor da informação, alguém que saiba desenvolver planejamento e administração estratégicos e isto vai muito além do domínio de métodos e técnicas de processamento da informação. Exige capacidade de: pesquisar sistematicamente, inovar, criar, liderar, comunicar, negociar, empreender, estabelecer parcerias, ajustamento a diferentes situações, decidir em conjunto, trabalhar em equipe de forma globalizada e localmente, delegar poderes, flexibilizar ações, investir em controle e avaliação do trabalho realizado. Torna-se, ainda, fundamental saber outra língua, especialmente o inglês.

Com a pesquisa de campo depreendemos que a formação deste profissional está muito longe de privilegiar o perfil do MIP, especialmente por não possibilitar o amplo domínio das tecnologias digitais, que hoje dão suporte à gestão em rede da informação, e pela dificuldade de levar os alunos a praticarem aquilo que aprenderam (limitadamente, de forma fragmentada e transversal) na teoria. Os estágios são limitados e realizados em bibliotecas tradicionais.

Nenhum dos sujeitos recém-formados conseguiu realizar estágio em BV. Sem um estágio (nem que fosse de observação) em BV os alunos não podem perceber a complexidade da gestão da informação. Assim, a tendência será, caso venham a ter que se inserir em uma biblioteca onde o paradigma é totalmente diferente (tem como base a virtualidade dos dados), reproduzir as práticas tradicionais.

De modo conclusivo, podemos afirmar que a formação do bibliotecário ainda não atende à dimensão de MIP e, portanto, muitos estudos devem ser conduzidos para tornar esta proposta uma realidade.

A segunda conclusão que aqui se impõe refere-se às dificuldades de atuação em BV. Vimos na revisão da literatura que é usual a criação da BV no bojo de uma biblioteca tradicional. Trata-se de um processo evolutivo que acaba levando as marcas de uma prática baseada em armazenamento / ordenação de papéis. Assim, nossos respondentes, bibliotecários experientes atuando em BV, registraram suas dificuldades (típicas de processos tradicionais de gestão da informação), sem enfatizar o princípio básico da BV – a preocupação deixa de ser com o lugar onde se encontram os documentos para concentrar-se no acesso. O lugar passa a ser secundário tanto para o bibliotecário como para o usuário. A biblioteca aponta as fontes de informação sem, necessariamente, possuir a propriedade física das mesmas (LEVACOV, 2000). Então, o bibliotecário, na condição de MPI, precisa ser capaz de depurar as informações, garantindo sua confiabilidade. É neste aspecto crucial que ele vai fazer a diferença. Um usuário, com alguma experiência em navegação na internet, é capaz de localizar a informação e acessá-la, mas conhecer a sua procedência é algo muito complexo.

As respostas encontradas nos permitem concluir que os sujeitos dessa pesquisa encontram-se preocupados com os processos de organização de suas bases de dados, que passam a ser *online*. Há, portanto, indícios de que ainda se prendem à função básica da biblioteca tradicional, que é manter a memória coletiva da sociedade. Com a internet, a memória assume outras dimensões: ela se torna volátil, estando em constante transformação. Isto vai levar a Ciência da Informação e seus profissionais a repensarem questões como autoria, autenticidade e permanência (LEVACOV, 2000). Torna-se, pois, urgente que a formação deste profissional se volte para o novo mundo que se abre com as BV. Nenhum dos respondentes abordou essas questões em suas respostas. Isto evidencia que o caminho dessas instituições, entre nós, ainda está começando.

Por último, estabelecemos as conclusões sobre a formação continuada desses profissionais. Vimos na literatura que, de um modo geral, o profissional da informação é apontado como o principal responsável por sua educação continuada, tendo em vista que é quem melhor conhece suas necessidades (NOCETTI,1982). No entanto, esse mesmo autor aponta vários problemas que levam esse profissional a encontrar dificuldades no seu aperfeiçoamento, entre eles: questões financeiras; pouca oferta de cursos nessa área; inexistência de relação entre as atividades de formação continuada e a melhoria na carreira profissional; sobrecarga de trabalho, o que impede saídas para os processos de aperfeiçoamento; escassez de literatura sobre pesquisas nesta área.

As respostas encontradas na pesquisa de campo não diferem muito do que selecionamos na revisão da literatura. Acreditamos que neste ponto está a maior vulnerabilidade da formação do bibliotecário na perspectiva de MIP. Uma vez que os cursos de graduação não privilegiam o perfil de MIP, era de se esperar que os bibliotecários tivessem melhores oportunidades para os processos de aperfeiçoamento; mas não é isto que observamos com nossa pesquisa.

Esta conclusão sugere, pois, a necessidade de novos estudos que aprofundem sugestões dos bibliotecários para sua formação continuada.

Sem dúvida estamos em uma outra etapa do processo evolutivo das bibliotecas e o bibliotecário precisa se preparar para assumir sua identidade de ciberbibliotecário. Neste sentido, ele é um desbravador, um pioneiro e o que produzir será à base de uma nova visão de biblioteca e informação.

Não podemos deixar de finalizar este trabalho sem apresentar algumas considerações sobre os resultados encontrados, que extrapolam as questões de estudo. Essas considerações se apóiam em nossa prática de mais de 18 anos como bibliotecária, vivenciada em diferentes tipos de biblioteca: da tradicional a eletrônica e virtual.

Os entrevistados pareciam ter duas opiniões: a emitida nas respostas e outra, oculta. Foi necessária uma leitura atenta das entrelinhas para verificar as contradições. O receio de se expor, de apresentar suas deficiências, limitou as respostas. Os respondentes por atuarem em uma biblioteca 'dita' virtual, obscureceram suas verdadeiras dificuldades; é provável que isto tenha relação com sentimento de que estariam expondo a própria instituição de trabalho. Ainda

que tivesse sido garantido o sigilo da identidade do respondente, percebemos que muitos simplificaram suas respostas ou, simplesmente, não responderam.

Notamos que a biblioteca virtual, para muitos, se identifica como aquela baseada nas mídias; tal percepção sugere a dificuldade desses sujeitos de imaginar uma biblioteca no ciberespaço, sem estar atrelada a um espaço físico. Ainda que alguns sujeitos tivessem destacado o recurso do Comut em suas respostas, observamos que o correio tradicional continua sendo muito usado para envio de informações solicitadas. Outro dado interessante, que extrapola o escopo de nossas questões de estudo, está no fato de os catálogos eletrônicos (contendo apenas o título, autor e localização do documento), localizados na página da instituição, ser de acesso restrito à comunidade acadêmica, ou seja, a informação não é democratizada a todos que dela necessitem. Para Levacov (2000) uma das maiores características de uma BV é a adoção do novo paradigma comunicacional, onde a informação se faz na direção 'todos-todos', propiciada pelo ciberespaço.

O uso de *e-mails* não torna uma biblioteca virtual, até porque, hoje, esta ferramenta está difundida nas mais diversas situações sociais, inclusive naquelas onde as pessoas se comunicam apenas por sentimentos de amizade. O *e-mail* é uma ferramenta de trabalho, assim com o fax, telefone e não um elemento caracterizador de BV.

Apenas um respondente evidenciou entender o conceito de BV quando em sua fala a define da seguinte forma: *apóia-se no acesso a dados e não em acervo. Trabalha com outro conceito de tempo e lugar: usuário remoto; obtenção da informação de uma maneira rápida, exata e eficiente; a informação é visualizada como dado básico para o mundo dos negócios.*

Fica claro que a respondente expressa o conceito de virtualidade, sendo o acervo físico suplantado pelo acesso aos dados, às fontes de informação são múltiplas e acessáveis, não importando o tempo e o lugar. Segundo LEVACOV (idem) a Biblioteca Virtual, com freqüência, aponta as fontes de informação sem, necessariamente, possuir a propriedade física das mesmas.

Cabe, também, registrar que no levantamento que realizamos focalizando alguns dos atuais currículos oferecidos por IES (apresentados em anexo), verificamos que as grades curriculares não destacam as tecnologias de informação na formação do bibliotecário. Apesar da nossa pesquisa se restringir à

região sudeste, para efeito de comparações, analisamos a grade curricular de outras IES existentes no país (outras regiões). Este aspecto é corroborado pelos recém formandos ao afirmarem que os conhecimentos nesse campo são dados de forma fragmentada. Considerando que a velocidade das informações é um dado da realidade contemporânea, pensamos que a formação desse profissional deveria valorizar mais as questões que se aí se inserem.

Apesar de termos tido a preocupação de enviar o questionário para profissionais que trabalhavam em BV, ao estudar os dados recebidos não conseguimos identificar suas instituições como tal. A maioria delas, para nós, se identifica como biblioteca tradicional eletrônica. Fica, então, o questionamento: o termo virtual estaria sendo usado pela instituição como estratégia de marketing?

Entendemos que é necessária uma mobilização envolvendo órgãos de classe, escolas de Biblioteconomia, IES e Bibliotecários com vistas o desenvolvimento de novas habilidades e competências que permitam inserir no mercado de trabalho verdadeiros profissionais da informação, capazes de gerenciar informações no ciberespaço.

Neste cenário, a educação continuada deve ser estimulada / financiada por gestores e instituições, já que é caminho mais rápido para garantir a alfabetização digital desses profissionais que não tiveram esta oportunidade em seus cursos de graduação. Mudar essa realidade apontada pela pesquisa não é tarefa fácil, mas, também, não é impossível, visto que a profissão já conseguiu assimilar as várias evoluções da biblioteca (do papiro à era digital) e o receio da extinção da profissão foi superado. Pensamos que o termo Bibliotecário está obsoleto já que vincula-se a livro (*biblio*) e, equivocadamente, à imagem de profissionais que trabalham exclusivamente com livros em um local chamado Biblioteca. Há muito tempo, a informação não está mais circunscrita apenas às Bibliotecas. Barbosa (1998) afirma com muita propriedade que há

necessidade de as escolas e departamentos adotarem novas estratégias e posicionamentos em seus programas educacionais direcionados para a formação de MIP's(...) no Brasil, a legislação que regulamenta o exercício profissional não se encontra em sintonia com as novas realidades com as quais se deparam os profissionais de informação.

O MIP já foi conceituado e suas tarefas claramente definidas, cabe-nos consolidar sua prática e, para tanto, segundo Levacov (2000), será fundamental reconhecer que somos todos parceiros, relutantes ou entusiasmados, que

precisam adquirir novas habilidades, entre elas a alfabetização digital, para alcançar as mesmas antigas metas (comunicação, informação e conhecimento).

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. A. *Marketing: abordagem em unidades de informação*. Brasília: Thesaurus, 1998.

ARRUDA, Maria da C. Calmon, et al. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.3, p. 14-24, set./dez. 2000.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em biblioteconomia e ciência da informação. *Ci. Inf.* [online]. 1998, vol.27, n.1, pp. 0-0. ISSN 0100-1965.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARRETO, Aldo de A. As estruturas de suporte de informação no processo do conhecimento: o papel da fluência digital. *DataGramZero Revista da Ciência da Informação*, Brasília, v.7, n.4, ago. 2006

_____. Mitos e lendas da informação: o texto, o hipertexto e o conhecimento. *DataGramZero Revista da Ciência da Informação*, Brasília, v.8, n.1, fev. 2007.

CARVALHO, A. C. M. de; SOUZA, L. P. de. Ativos intangíveis ou capital intelectual: discussões das contradições na literatura e propostas para sua avaliação. *Perspect. em Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 73-83, jan./jun. 1999.

CARVALHO, Maria Jane. A gestão das tecnologias da informação e da comunicação no currículo. *Informática na educação: teoria e prática*, Porto Alegre, v.6, n.1, p. 55-68, jan./jun. 2003.

CASTRO, C. A. Formação do profissional da informação: abordagem crítico reflexiva. *In* : _____ (Org.). *Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luis, MA : EDUFMA ; EDFAMA, 2002, p.185-199.

CUNHA, M. B. Desafios na construção de uma biblioteca virtual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 3, 1999. Disponível em: < <http://www.ibict.br/cionline/artigos/>> Acesso em junho 2008.

_____. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 182-188, mar./ago. 1994.

DAMASIO, E.; GOMES FILHO, A. C.; MIRANDA, P. C. de. O domínio da Ciência da Informação: problemas na conceitualização e na forma de consenso. *In*. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre : FEBAB, 2000. V.1.

DRABENSTOTT, Karen M., BURMAN, Celeste M., MACEDO, Neuza Dias de .Revisão analítica da biblioteca do futuro. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v.26, n.2, p., 1997.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v.32, n.1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

_____. *Information literacy* e o papel das bibliotecas. Disponível em <http://www.tese.usp.br/>. Acesso em set. 2009.

FARIAS, Gabriela Belmont de. *O bibliotecário-gestor da informação: representações do segmento imobiliário sobre competências*. Florianópolis, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e atualizada. Curitiba: Editora Positivo, 2004. 2120 p.

FERREIRA, R. F. , GOMES, M. F. C., GUIMARÃES, J.A.C., NEVES, E.C.; SILVA, M.I. Moderno Profissional da Informação: uma proposta do grupo PET/CAPES de Biblioteconomia da UNESP com vista à divulgação profissional. Marília : PET/UNESP, 1995. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17, Rio de Janeiro, UNIRIO, jul. 1995.

FRANÇA, George. Os ambientes de aprendizagem na época da hipermídia e da educação à distância. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.4, n.1, p. 55-65, jan./abr. 2009.

GUERREIRO, S.L.G.G. *Um novo profissional para um novo tempo: aspectos convergentes e divergentes na atuação de bibliotecários e arquivistas*. Marília; FFC, 1995.

GUIMARÃES, J.A.C. *A ética na formação do bibliotecário*. Palavra-chave, São Paulo, v.8, p:5-8, out. 1994.

GUIMARÃES, J.A.C, BERTACHINI, M.de L., VIDOTTI, S.A.B.G. *Anteprojeto de reformulação curricular do curso de Biblioteconomia da UNESP*. Marília : UNESP, 1994.

GUIMARÃES, J.A.C, GUAREZZI, S. Divulgação profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil. *Transinformação*, Campinas, v.6, n.1/3, p. 43-59, jan./dez. 1994.

LANDONI, M. et al. *Hyper-books and visual-books in an electronic library. The Electronic Library*, v. 11, n. 3, p. 175-176, June, 1993.

LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais. *Revista da FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, n. 6, p. 70-85, 1997. Disponível em: <<http://www.ultra.pucrs.br/famecos/rf6.maril.html>> Acesso em maio 2007.

LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais. In: MARTINS, F. M. ; SILVA, J. M. da. (Org) *Para navegar no século XXI – tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2000, p. 261-286.

_____. Bibliotecas virtuais: (r)evolução? *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 125-135, maio/ago. 1997.

LEVY, P. O que é o Virtual? . São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência e o futuro do pensamento na era da informática*. 13. ed. São Paulo: Ed. 34, 2004.

LISTON, Rose C.F. Seco; SANTOS, Plácida L.V.A. da Costa. Representando a *Information Literacy* “ competências informacionais” na biblioteconomia. *Rev.Em Questão*, v.14, n.2, 2008.

MACHADO, R. das N. et al. Biblioteca do futuro na percepção de profissionais da informação. *Transinformação*, v. 11, n. 3, p. 215-222, set./dez. 1999.

MAIA, Marta Campos; MEIRELLES, Fernando de Souza. Tecnologia de informação e comunicação aplicada à educação. *In: Conference México*, set. 2009.

MARCHIORI, P. Z. “Ciberteca” ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.2, 1997. Disponível em < <http://www.lbict.br>> Acesso em janeiro, 2008

MARSHALL, J. et al. *Competences for special librarians association of the 21st century (online)*. Special Libraries Association - Special Committee on Competences for Special Librarians, Washington, 1996. Disponível em: <<http://www.sla.org/professional/competency.html>>. Acesso em outubro 2008.

MARTINS, R. D. *Perspectivas para uma biblioteca do futuro: utopia ou realidade?* 2002. Disponível em <<http://biblioteca.estacio.br/artigos/005.htm>>. Acesso em setembro 2007.

MASON, R. O. What is an information professional? *J. Educat. Library Information Science*, Arlington, v. 31, n. 2, p. 122-138, Fall 1990.

MONTALLI, K. M. L.; CAMPELLO, B. dos S. Fontes de informação sobre companhias e produtos industriais: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.3, p.321-326, set./dez. 1997.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000

MUELLER, S.P.M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v.14, n.1, p. 3-16, jan./jun. 1985.

NOCETTI, M. A. *Educação continuada para bibliotecários: revisão de literatura* In: MACHADO, U. D. (Org). Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação. Brasília: ABDF, p 14-37,1982.

PAPERT, S.; RESNICK, M. Technological fluency and representation of knowledge. Proposal to the National Science Foundation.MIT MediaLab (1995).

PERROTTI, E. A biblioteca interativa. *Revista CFB*, Brasília, ano 1, n.1, abr. 2001. p. 6.

PIGGOT, Sylvia. A new paradigm of excellence in information services. Disponível em: <<http://www.si.umich.edu/cristaled>>. Acesso em: 1 set. 2009.

PONJUAN D. G. Does the Modern Information Professional have a life cycle? *FID News Bulletin*, v.43, n.3, p.61. mar. , 1993.

REZENDE, A. P. de. Centro de informações jurídico-eletrônico e virtual. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 1, p. 51-60, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/artigos/>> Acesso em agosto 2008.

REZENDE, Yara; MARCHIORI, Patrícia Zeni. Do acervo ao acesso: a perspectiva da biblioteca virtual em empresas. *Ciência da Informação*, Brasília, v.23, n.3, p. 349-352, set./dez. 1994

RODRIGUES, E. Bibliotecas virtuais e cibertecários: o futuro já começou. *Cadernos de BAD*, v.3, p. 23-24, 1995.

RODRIGUES, S.B. *Gestão estratégica do conhecimento: integrando aprendizagem, conhecimento e competência*. São Paulo, Atlas, 2001.

RUSK, Natalie, et al. *The report learning for the 21st century*. Lifelong Kindergarten Group MIT Media Laboratory. 2003.

SANTOS, Gildenir Caroline; PASSOS, Rosemary. O papel das bibliotecas e dos bibliotecários às portas do século XXI: considerações sobre a convivência da informação impressa, virtual e digital. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 11., 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2000. 1 CD.

SANTOS FILHO, J.C. dos; GAMBOA, S. S. (Org.) *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SCHAFF, A. *A sociedade informática: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial*. 3.ed. São Paulo: UNESP, 1992.

SMITH, J. W. *O que é documentação*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

STRAUSS, A. ; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TARAPANOFF, K. *Perfil do profissional da informação no Brasil: diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada*. Brasília, DF: IEL/DF, 1997.

TARAPANOFF, K; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. de; CORMIER, P. M. J. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./ dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php.htm>> Acesso em outubro 2008.

VOELCKER, Marta Dieterich. Fluência digital e ambientes de autoria multimídia. *Novas Tecnologias na Educação*, v.6, n.1, jul.2008.

ZANG, N. et al. Biblioteca virtual: conceito, metodologia e implantação. *Revista de Pesquisa e Pós-Graduação*, Erechim, v. 1, n. 1, p. 217-236, 2000. Disponível em: <<http://www.uri.br/publicacoes/revistappg/ano1n1/>> . Acesso junho 2008

APÊNDICE 1 – Questionários aplicado aos recém formados

1. Dentre as disciplinas oferecidas no seu curso de Biblioteconomia, quais delas possuem estreita relação com a preparação para o trabalho em BV?

2. Você considera essas disciplinas suficientes para tornar o aluno apto a enfrentar atividades com as TIC's em BV?

Sim Não

Justifique a opção assinalada.

.

3. Ao longo de seu curso você realizou algumas atividades extracurriculares (curso de extensão; visitas programadas a BV; participação em Seminários, congressos, eventos) que lhe desse conhecimento mais aprofundada sobre as BV?

Sim Não

Caso não, justifique porque não teve essa oportunidade.

4. Você teve oportunidade de estagiar em alguma BV ao longo do seu curso?

Sim Não

Se marcou não, indique os motivos que lhe impediram de realizar um estágio dessa natureza.

5. Sua Instituição oferece alguma pós-graduação nessa área visando proporcionar formação continuada dos profissionais de Biblioteconomia?

Sim Não Desconheço

6. Você teve orientação/incentivo da Instituição/professores ou órgãos de classe a obter engajamento com as TIC's visando ingresso no mercado de trabalho?

Sim Por quem? Não

APÊNDICE 2 – Questionários aplicado aos Bibliotecários

1. Que serviços são oferecidos pela Biblioteca onde você atua que lhe permite caracterizá-la como BV?

2. Você sabe quais serviços prestados caracterizam uma Biblioteca como Virtual?

() Sim () Não

Os serviços prestados pela sua biblioteca são suficientes para torná-la uma BV?

() Sim () Não

Justifique a opção assinalada.

3. A BV onde você atua já nasceu BV ou ela passou de Tradicional a Virtual?

() Nasceu como BV () Passou de BT para BV

Caso tenha havido transição o que marcou essa mudança? O que mais foi significativo a seu ver?

4. Relacione a(s) atividade(s) específica(s) de uma Biblioteca tradicional (BT) que permanece(m) na BV.

5. Relacione a(s) atividade(s) básica(s) que o Moderno Profissional da Informação (MIP) realiza em uma BV.

6. Que dificuldades você encontra no trabalho que realiza em uma BV por falta de atualização/informação?

7. Até que ponto a sua graduação em Biblioteconomia o ajudou a transformar-se em um MIP?

8. Como você se preparou para atuar em BV?

9. Como está sendo feita a formação continuada do(s) Bibliotecário(s) na BV que você atua?

10. A Instituição onde você trabalha lhe incentiva a atualizar seus conhecimentos?

() Sim () Não

Que tipo de incentivo ela lhe oferece?

11. Você tem contato com algum recém-formado em Biblioteconomia?

() Sim () Não

Caso sim, você acredita que a atual formação do Bibliotecário permite considerá-lo um MIP?

() Sim () Não Justifique a sua resposta.

ANEXO 1 – Grades curriculares de Cursos de Biblioteconomia

FACULDADES DE BIBLIOTECONOMIA - BRASIL
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
Disciplinas Obrigatórias
Fundamentos da Biblioteconomia
Inglês Instrumental para comunicação I
História da cultura e da comunicação I
Língua Portuguesa - Redação e expressão
Representação descritiva I
Indexação e resumo
Inglês Instrumental para comunicação II
História da cultura e da comunicação II
Biblioteca e sociedade
Representação descritiva II
Representação temática I
Elementos de lógica para documentação
Recursos informacionais I
Representação temática II
Linguagens documentárias
Teoria e ação cultural
Documentação audiovisual
Recursos informacionais II
Formação e desenvolvimento de coleções
Introdução à administração de bibliotecas
Linguística e documentação
Documentação e informática
Estágio supervisionado em bibliotecas públicas e escolares
Realidade socioeconômica e política brasileira
Teoria e métodos de pesquisa em comunicação
Introdução à administração
Serviço ao usuário
Estágio supervisionado em bibliotecas especializadas e universitárias
Projeto experimental em biblioteconomia I
Informação, ciência e tecnologia
Planejamento bibliotecário I
Planejamento bibliotecário II
Projeto experimental em Biblioteconomia II

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO - UNESP
Disciplinas Obrigatórias
Literaturas de língua portuguesa
Catálogo
Introdução à ciência da informação
Expressão escrita em língua portuguesa
Evolução dos suportes de informação
Introdução à ciência da computação
Elementos de lógica para biblioteconomia
Análise documentária
Linguística e documentação
Metodologia da pesquisa
Métodos quantitativos em ciência da informação I
Métodos quantitativos em ciência da informação II
Linguagens documentárias alfabéticas
Normalização documentária
Inglês instrumental
História da cultura
Catálogo Automatizada
Linguagens documentárias hierárquicas
Teoria Geral da Administração
Prática profissional em Biblioteconomia
Leitura documentária
Arquitetura da informação digital
Indexação
Condensação documentária
Fontes de informação
Redes de computadores e internet
Dinâmica organizacional
Comunicação
Marketing em unidades de informação
Metodologia do trabalho científico
Estudo de usuários
Elaboração de projetos para captação de recursos
Biblioteca Digital
Sistema de gerenciamento automático de unidades de informação
Planejamento de unidades de informação
Organização e métodos em Biblioteconomia
Desenvolvimento de coleções
Automação de unidades de informação
Introdução à editoração
História do Brasil Contemporâneo
Desenvolvimento do trabalho científico
Psicologia aplicada às relações humanas
Formação e atuação profissional

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
Disciplinas Obrigatórias
Fundamentos de Biblioteconomia
Pesquisa Bibliográfica para Biblioteconomia
Evolução dos meios de informação e comunicação
Comunicação
Produção textual Acadêmica I
Fontes de Informação I
Análise da Informação
Catálogo I
Gestão da Informação e do conhecimento
Inglês Instrumental
Introdução à sociologia para Biblioteconomia
Teoria Geral da Administração
Fontes de Informação II
Linguagens Documentárias
Catálogo II
Relações Humanas
Gestão da qualidade em unidades de informação
Recuperação de informação
Sistemas de Classificação
Indexação
Pesquisa em Biblioteconomia
Gestão estratégica em unidades de informação
Gestão de documentos
Informatização de unidades de informação
Estatística aplicada I
Organização de unidades de informações
Estudo de usuários e de comunidades
Prática de tratamento da informação
Mediação da informação
Serviços da informação
Formação e desenvolvimento de coleções
Prática de Gestão
Trabalho de conclusão de curso I
Estágio
Trabalho de conclusão de curso II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
Disciplinas Obrigatórias
Fundamentos da Administração
Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação
História do registro da informação
Comunicação e realidade brasileira
Introdução à economia
Língua portuguesa I
Tecnologia da informação e comunicação
Administração de unidade de informação I
Bibliotecas, informação e sociedade
Representação descritiva I
Lógica clássica
Inglês instrumental I
Teoria das organizações
Representação temática I
Administração de unidade de informação II
Serviço de referência
Representação descritiva II
Introdução à contabilidade
Filosofia da administração
Processo decisório
Modelos probabilísticos em administração
Recursos informacionais I
Representação temática II
Análise da informação
Estágio supervisionado em Biblioteconomia
Indexação e resumo
Recursos informacionais II
Normalização da documentação
Marketing em unidades da informação
Estágio supervisionado gestão de universidades
Introdução à sociologia
Metodologia da pesquisa
Fundamentos recursos humanos
Planejamento de universidades
Sistema de recuperação da informação
Comunicação científica
Educação e biblioteconomia
Finanças em unidades de informação
Formação e desenvolvimento de coleções
Arquitetura da informação
Cons Pres Supor Informacionais
Análise e modelagem processos
Extensão cultura unidade da informação
Projeto final I
Ética da administração
Gerenciamento eletrônico documentos

Planejamento e gestão de projetos
Gestão da informação do conhecimento
Projeto final II
Historia da tecnologia
Psicologia das organizações
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Disciplinas Obrigatórias
Introdução a biblioteconomia e ciência da informação
Historia do livro e das bibliotecas
Introdução à filosofia
A língua portuguesa como instrumento de comunicação
Inglês instrumental I
Introdução à administração
Fundamentos da informação
Lógica I
Introdução à sociologia II
Inglês instrumental II
Administração de unidades de informação
Fontes de informação
Normalização da documentação
Tecnologias da informação
Organização temática da informação I
Catálogo I - Publicações
Editoração
Organização temática da informação II
Introdução aos estudos linguísticos
Estatística I
Catálogo II - materiais especiais
Metodologia e técnica de pesquisa em biblioteconomia e ciência da informação
Organização temática da informação II
Psicologia das relações humanas
Historia da literatura I
Historia da arte III
Planejamento de unidades de informação
Literatura brasileira VI
Formação e desenvolvimento de coleções
Gerência da informação
Historia da civilização brasileira
Estágio supervisionado

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
Disciplinas Obrigatórias

Fundamentos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia
Introdução às Tecnologias de Informação Aplicadas à Ciência da Informação
Representação Descritiva I
Linguística Aplicada à Documentação
Normalização Documentária I A
Aspectos Sociais, Políticos, Econômicos e Culturais do Brasil Contemporâneo
Língua e Literatura de Língua Portuguesa
Elementos de Lógica e Filosofia Aplicados à Ciência da Informação
Normalização Documentária II
História da Cultura e dos Registros do Conhecimento
Representação Descritiva II
Análise Documentária A
Representação Temática I A
Fundamentos Científicos da Comunicação
Administração de Unidades e Serviços de Informação
Fontes de Informação I
Formação e Desenvolvimento de Coleções I
Preservação de Documentos
Representação Temática II
Inglês Instrumental Aplicado à Ciência da Informação
Relações Públicas para Unidades e Serviços de Informação
Psicologia Aplicada à Unidades de Informação
Fontes de Informação II
Formação e Desenvolvimento de Coleções II
Tecnologias Aplicadas à Representação Descritiva
Serviço de Informação e Referência
Laboratório de Práticas Integradas
Espanhol Instrumental Aplicado à Ciência da Informação
Estudo do Ambiente e do Usuário da Informação
Leitura e Literatura Aplicada à Ciência da Informação
Semiótica e Ciência da Informação
Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia I
Representação Temática III
Estágio Supervisionado I
Estudo do Ambiente e do Usuário da Informação
Leitura e Literatura Aplicada à Ciência da Informação
Semiótica e Ciência da Informação
Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia I
Representação Temática III
Estágio Supervisionado I
Gestão da Automação
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Disciplinas Obrigatórias

Comunicação

Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo

Documentação nas Artes

História da Ciência e da Tecnologia

Introdução à Filosofia

Introdução à Cultura Brasileira

Lógica

Expressão Oral e Escrita

Leitura e Produção de Textos

História e Bibliografia Literárias I

História e Bibliografia Literárias II

Fundamentos de Inglês Instrumental

Leitura e Interpretação em Língua Inglesa

Métodos e Técnicas de Pesquisa

Seminário de Monografia

Introdução à Biblioteconomia

Introdução à Ciência da Informação

Produção do Registro do Conhecimento I

Produção do Registro do Conhecimento II

Princípios e Métodos de Editoração Moderna

Formação e Desenvolvimento de Coleções

Introdução à Catalogação

Catalogação I

Catalogação II

Catalogação III

Teoria da Classificação

Análise da Informação

Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias

Classificação Decimal de Dewey / Catálogo Alfabético de Assuntos

Classificação Decimal Universal / Catálogo

Sistemático

Bibliografia I

Bibliografia II

Bibliografia III

Controle Bibliográfico

Técnica de Referência I

Técnica de Referência II

Reprografia I

Reprografia II

Técnica de Recuperação e Disseminação da Informação

Introdução à Administração

Organização e Administração de Bibliotecas

Elementos de Análise e Sistemas de Computação I

Elementos de Análise e Sistemas de Computação II

Estágio Supervisionado

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Disciplinas Obrigatórias

Espanhol Instrumental
Evolução do Pensamento Científico e Filosófico
História da Arte
Introdução à Ciência da Informação
Introdução à Informática
Normalização da Documentação
Educação Física Curricular I
Estatística
História do Livro e das Bibliotecas
Lógica Aplicada à Documentação
Produção de Texto
Representação Descritiva I
Sociologia Geral
Educação Física Curricular II
Estatística
História do Livro e das Bibliotecas
Lógica Aplicada à Documentação
Produção de Texto
Representação Descritiva I
Sociologia Geral
Educação Física Curricular II
Antropologia Cultural
Inglês Instrumental
Introdução ao Tratamento Temático da Informação. Lógica Aplicada à Documentação
Literaturas de Língua Portuguesa
Métodos e Técnicas de Pesquisa
Representação Descritiva II .Representação Descritiva I
Teorias Administrativas
Ação Cultural
Fundamentos em Arquivologia
Organização e Métodos (O&M)
Planejamento e Geração de Base de Dados
Psicologia das Relações do Trabalho
Representação Descritiva III . Representação Descritiva II
Representação Temática I . Introdução ao Tratamento Temático da Informação
Administração de Unidades de Informação . Organização e Métodos – O & M
Informática Documentária. Introdução à Informática
Leitura e Literatura Infanto-Juvenil
Recuperação da Informação. Lógica Aplicada à Documentação
Representação Temática II. Representação Temática I
Teoria da Comunicação
Usuários da Informação
Fontes de Informação
Planejamento de Unidades de Informação. Administração de Unidades de Informação
Organização e Métodos

Redes de Computadores.Introdução à Informática
Representação Temática III. Representação Temática II
Estágio Curricular I
Administração de Unidades de Informação
Representação Descritiva I, II, e III
Representação Temática I e II
Gestão de Estoques Informacionais
Gestão da Informação
Serviço de Referência e Informação
Estágio Curricular II . Estágio Curricular I
Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Tecnologia da Informação Aplicada à Biblioteconomia
Tópicos Especiais em Gestão da Informação e do Conhecimento
Elaboração do TCC

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
Disciplinas Obrigatórias
Análise de informação
Bibliografia geral
Catálogo I
Classificação
Estagio supervisionado I
Estagio supervisionado II
Estatística aplicada
Estudos de usuários
Formação e desenvolvimento de coleções
Indexação
Informática documentaria
Introdução ao controle bibliográfico
Introdução a biblioteconomia e ciência da informação
Introdução à administração
Introdução à microinformática
Monografia biblioteconomia e ciência da informação
Organização e administração de bibliotecas
Planejamento e elaboração de base de dados
Planejamento bibliotecário
Redes inf. e trans. De dados
Serviço de informação I
Técnicas de editoração
Teorias da comunicação I

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)